

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Setembro 2017 – ANO LXVIII Nº 7



A história na mão

AUTORAS DO “MULHERIO DAS LETRAS” LUTAM
PARA DERRUBAR BARREIRAS E ESTABELECEM
IGUALDADE DE DIREITOS NO MERCADO
EDITORIAL DO PAÍS

Sesc 70 anos



O Sesc está presente há 70 anos na vida dos brasileiros. E nessas sete décadas são muitos os motivos para comemorar!

Atendendo aos trabalhadores paraibanos do comércio de bens, serviços e turismo, o Sesc atua nas áreas de **Saúde**, **Lazer**, **Assistência**, **Cultura**, além de promover **Educação** através do Ensino Fundamental e Médio.

www.sescpb.com.br

Elas existem - e são muitas!

Em uma sociedade ainda fortemente marcada pelo patriarcalismo e impregnada de cultura machista, não é nenhuma novidade o fato de, no mercado editorial brasileiro, a maioria das obras publicadas serem assinadas por homens. Isto, no entanto, não significa dizer que as mulheres escrevem menos que eles. Como ressalta a escritora Maria Valéria Rezende, o problema é que as escritoras continuam sendo barradas no mercado editorial.

Para colocar um ponto final nesta história de exclusão feminina, e escrever outra completamente diferente, na qual, por exemplo, haja igualdade de direitos - em todos os sentidos -, mulheres com diferentes atuações no campo editorial reuniram-se no "Mulherio das Letras", movimento que ganha força a cada dia e, em outubro deste ano, realiza encontro nacional na cidade de João

Mulheres com diferentes atuações no campo editorial reuniram-se no "Mulherio das Letras", movimento que ganha força a cada dia e, em outubro deste ano, realiza encontro nacional em João Pessoa.

Pessoa, com a participação de centenas de escritoras, editoras, designers etc.

Embora diversas bandeiras estejam desfraldadas à frente do movimento, o "Mulherio das Letras", ao que parece, já definiu al-

gumas linhas básicas de atuação, vez que pretende atuar na forma de uma congregação livre de autoras, sem uma hierarquia rígida, dentro da qual o debate democrático prevaleça sobre os antigos métodos de "discussão", onde "estrelas" expõem suas ideias em mesas exclusivas, autoritariamente separadas do grupo.

O "Mulherio das Letras João Pessoa" será realizado, de 12 a 15 de outubro, na Fundação Casa de José Américo e Fundação Espaço Cultural da Paraíba, entre outros locais, e constará de rodas de conversa sobre assuntos relacionados à literatura e ao mercado editorial, além de intervenções artísticas de variada natureza. O mercado pode até estar fazendo ouvidos de mercador, mas suas "cabeças pensantes" sabem que, a partir de agora, tudo vai ser diferente.

O Editor

♦ índice



MOVIMENTO

"Mulherio das Letras" reunirá autoras, em João Pessoa, para debater igualdade de direitos no mercado editorial, entre outros temas correlatos.



MÚSICA

A professora Genilda Azerêdo analisa "Tua cantiga", canção de *Caravanas*, novo álbum de inéditas do cantor e compositor Chico Buarque.



PERFIL

Saiba por que enfrentar desafios não assusta a pesquisadora Beth Olegário, que está de malas prontas para viagem de estudos a Portugal.



CINEMA

O crítico João Batista de Brito apresenta sua leitura de filmes clássicos que abordaram casos reais de médicos que lutaram para defender seus princípios.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB

PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510

Redação: 3218-6509/9903-8071

ISSN 1984-7335

editor.correiodasartes@gmail.com

<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albiege Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Felipe Gesteira

Editora Adjunta
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Foto da capa
Marcos Russo

Ilustrações e artes
Domingos Sávio,
Tônio e Manuel Dantas
Suassuna



Criando novos paradigmas

Movimento "Mulherio das Letras" deve reunir cerca de 500 autoras em João Pessoa, de 12 a 15 de outubro. Encontro caracteriza-se pela inovação, praticidade e posicionamento ideológico

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Reza a lenda, que tudo começou com uma ideia da escritora Maria Valéria Rezende. E como sonho que se sonha junto, como diz a canção, é realidade, a ideia da escritora paulista mais paraibana que existe virou um grande evento. "Mulherio das Letras", eis o nome da ideia, acontecerá de 12 a 15 de outubro em João Pessoa. A abertura será na quinta-feira (12), às 16h, na Fundação Casa de José Américo, na Av. Cabo Branco, 3336. As atividades, no entanto, serão desenvolvidas em vários locais da cidade, a exemplo do Espaço Cultural José Lins do Rego, Auditório da PBTur, Tamarindeira Espaço Criativo e Auditório do Espaço Psicanalítico EPSI. Dentro da programação de abertura do "Mulherio das Letras", na FCJA, Conceição Evaristo fará uma palestra, às 18h15, com o tema "Maria Firmina dos Reis e as Mulheres Negras nas Literaturas Brasileiras". O encontro pretende reunir cerca de 500 mulheres escritoras na capital paraibana e tem parceria com a Moenda Arte e Cultura, Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funes), Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba (Secult) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB). ▶

FOTO: MARCOS RUSSO



A escritora Maria Valéria Rezende é uma das mais combativas coordenadoras do Movimento "Mulherio das Letras"

FOTO: MARCOS RUSSO



► As organizadoras do “Mulherio das Letras” garantem que ninguém no movimento é tratada como “estrela”. Mas para o público em geral a presença de nomes como Maria Valéria Rezende e Conceição Evaristo já dá o tom da importância e qualidade das escritoras convidadas para o evento. Maria Valéria é hoje uma das escritoras mais premiadas da literatura nacional. E não por conta de apadrinhamentos ou lobbies junto a editoras ou organizadores de concursos. Os méritos são dessa freira missionária, nascida em Santos (SP), que se descobriu escritora em João Pessoa.

E a própria Maria Valéria Rezende explica que se decidiu pela realização do evento, na Paraíba, após uma reunião improvisada com um grupo de mulheres em Paraty (RJ), durante a FLIP 2016. Para ela, o “Mulherio das Letras” será um momento para o fortalecimento, a troca de experiências, a geração de projetos e parcerias entre as mulheres que produzem e promovem a literatura no Brasil. O encontro terá um estilo inovador, não adotando o modelo padrão de festivais ou feiras, como os que se mul-

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



A escritora Conceição Evaristo fará a palestra de abertura do “Mulherio das Letras”, na Fundação Casa de José Américo

tiplicam pelo país há alguns anos. “A ideia mesmo é de um grande encontro entre nós, com exposição de livros, rodas de diálogo, saraus, partilha de conhecimentos”, ressaltou.

Maria Valéria Rezende conta que o “Mulherio das Letras” é um movimento que tem como proposta dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos por mulheres no mercado literário. “Queremos criar um movimento, algo que marcará a história e trará igualdade. É algo prático, além de ideológico. Um movimento que vai permanecer ativo até que ele não seja mais necessário, o que só vai acontecer quando as mulheres estiverem em pé de igualdade com os homens no meio literário”, afirma.

Conceição Evaristo, que fará palestra de abertura do “Mulherio das Letras”, é muito conhecida de todos aqueles que acompanham a literatura nacional através da história de mulheres fortes e talentosas. Militante do movimento negro, Conceição nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte (MG), vindo de uma família muito pobre, com nove irmãos e sua mãe, e teve que conciliar os estudos trabalhando como



Escritoras do “Mulherio das Letras João Pessoa” posam para foto durante recente encontro realizado na casa de Maria Valéria Rezende, na capital paraibana, para discutir a organização do evento

► empregada doméstica, até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso público para o magistério e estudou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série *Cadernos Negros*. É mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Publicou, entre outros, *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) e *Histórias de leves enganos a pareças* (2016). Suas obras abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. Atualmente, leciona na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como professora visitante. Este ano, foi tema da Ocupação do Itaú Cultural de São Paulo.

Em sua palestra no “Mulherio das Letras”, Conceição Evaristo vai falar sobre Maria Firmina dos Reis, que, nascida no Maranhão, em 1825, é considerada a primeira romancista brasileira. Em 1847, foi aprovada em um concurso público para a cadeira de instrução primária, sendo assim a primeira professora concursada de seu estado. Maria Firmina publicou, em 1859, seu romance abolicionista inaugural *Úrsula*, o primeiro escrito por uma mulher negra brasileira. O romance a consagrou como escritora, sendo também considerado o primeiro romance da literatura afro-brasileira. Em 1887, no auge da campanha abolicionista, a escritora publica o livro *A escrava*. Ao aposentar-se, em 1880, fundou uma escola mista e gratuita. Maria Firmina dos Reis morreu aos 92 anos, na cidade de Guimarães, no dia 11 de novembro de 1917. Em 1975, a primeira romancista negra brasileira recebe uma homenagem de José Nascimento Morais Filho, que publica a primeira biografia da escritora, *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*.



A cantora e compositora Socorro Lira fará um show especial, dentro da programação do “Mulherio das Letras João Pessoa”

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET

OFICINAS, RODAS DE DIÁLOGOS E ADESIVAGENS NAS RUAS

Obviamente, nem só de Maria Valéria Rezende e Conceição Evaristo se faz um evento como o “Mulherio das Letras”. Para se ter uma ideia da diversidade na programação do evento, ela foi planejada com conversas e sugestões de cerca de 5 mil mulheres que integram grupo criado para este fim no Facebook.

O credenciamento para participar do “Mulherio das Letras” já vai acontecer às 16h do dia 12, na Fundação Casa de José Américo. No primeiro dia do encontro, serão lançadas as coletâneas de poesia e de prosa, que leva o nome do encontro, organizadas pelas escritoras Vanessa Ratton e Henriette Effenberger, respectivamente, e a coletânea poética *Outras Carolinas: Mulherio da Bahia*, organizada por Anajara Tavares, Ana Fátima dos Santos e Lia Sena. Em seguida, as compositoras paraibanas Socorro Lira e Gláucia Lima vão homenagear a escritora Maria Firmina, recitando seus poemas. Neste primeiro dia, toda a metodologia do encontro será apresentada por Maria Valéria Rezende.

Na sexta-feira, dia 13, a partir das 9h, começam as oficinas “Contação de Histórias”, com Manu Coutinho, e “Mulherio Interseccional”, com Simony Cristina, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em Tambauzinho. Na Tamarindeira Espaço Criativo, em Miramar, acontece a oficina “Mariposa Cantonera”, ministrada por Wellington. No auditório do Espaço Psicanalítico EPSI, também no Miramar, será realizada a oficina “Cartografia do Corpo Feminino”, com Morena Borba. Às 10h, será lançado no Espaço Cultural o projeto “Cidade Poema”, oriundo da cidade de Porto Alegre (RS). “Vamos sair adesivando poemas pela cidade”, revela Valeska Asfora, que integra a organização do evento.

À tarde, a partir das 14h30, será encenada a peça *Clamor Negro*, com Juliana Costa e Odalita Alves, e aberta ao público a exposição de ilustradoras paraibanas. Às 15h, começam as rodas de diálogo. “Serão 10 rodas simultâneas, com temáticas próprias, coincidentes ou não, debatendo os seguintes temas: Representação e representatividade nas literaturas das mulheres; Mercado editorial e circulação de obras escritas por mulheres; Literaturas escritas por mulheres e feminismos; Escritoras, ilustradoras e leitoras das literaturas para crianças e jovens; Vozes das mulheres negras brasileiras; Literaturas, gênero e sexualidade: representação e autoria na literatura bra- ►

► sileira”, informa Maria Valéria Rezende.

Às 16h, será aberta a feira “Cria por Elas”, com publicações independentes de literatura e gravura, e, às 18h, começam os lançamentos coletivos de livros, a mostra de histórias em quadrinhos e o debate “De Maria a Olga – Trajetória de personagens de quadrinhos paraibanos”, na Gibiteca, do Espaço Cultural. Às 19h, acontece o recital “Bendita Palavra”, com Maria Valéria Rezende, e a mostra performance “Visto Permanente Mulheres”, com Lara Bione. No mezanino 1, será realizada a roda de diálogo “Casa Brasil na Alemanha”, com Alexandra Magalhães. A partir das 20h, o Mulherio das Letras Pretas faz uma homenagem a Maria Firmina dos Reis, no palco principal da Praça do Povo. Retornando a Tamarindeira Espaço Criativos a poeta Tati Fraga fará uma homenagem a Orides Fontela, e, em seguida, Dailza Ribeiro faz um show intimista com voz e violão.

Dia 14, sábado, às 9h, no auditório da PBtur, em Tambaú, será realizada a mesa de partilha e experiências do Mulherio além-fronteiras, com Jô Mendonça Alcoforado, Mariana Brasil e Mazé Torquato Chotil. No Espaço Cultural, no mesmo horário, acontecem as oficinas “Ler com Prazer”, com Alessandra Roscoe, e “Arteterapia em Escrita”, com Eliana Mara. Na Tamarindeira Espaço Criativo, será realizado um café da manhã do lançamento do livro de Laís Chaffe, *Blasfêmias* e do projeto “Cidade Poema”. Em seguida, a oficina “Cartonera Caleidoscópio”, com Patrícia Vasconcelos, de Pernambuco, e uma oficina de fanzines, com o grupo Leia Mulheres, de João Pessoa. No período da tarde, acontece o “Loas de Chegança”, e as rodas de diálogo têm continuidade, no Espaço Cultural.

A partir das 18h, no Espaço Cultural, serão reiniciados os lançamentos coletivos de livros. No mezanino 1, o público terá contato com os áudios poemas de Mara Faturi, Partituras poéticas itinerantes, com Solange Padilha, e “O efeito Medéa e suas Transformações”, com Eugênia Correa. No Planetário, acontece, às 19h, o ato solo “Pagu”, com Lilian de Lima. Na Praça do Povo, será a vez de Natália Barros apresentar a sua performance e o Ariel Coletivo Literário, de Campina Grande, o sarau “Dama da Noite”. No Teatro de Arena, recital de poesia “Mulher Paraibana, Ontem, Hoje e Amanhã”, seguido de apresentação do grupo Sinta a Liga. Na Tamarindeira Espaço Criativo, às 20h30, serão realizadas as performances “Poeira”, de Solange Cianni, e “Missivas”, de Daniela Galdino.

No domingo, dia 15, pela manhã, no Teatro de Arena do Espaço Cultural, serão finalizadas as rodas de diálogo, com os consensos e dissensos sobre o encontro e a despedida musical com alunos da UFPB e da Secult. ❖

EVENTO COMEÇOU ANTES, EM TODO O PAÍS

Bem antes de outubro chegar, o “Mulherio das Letras” já movimentava o mundo literário feminino em diversas partes do país. Em agosto, aconteceu, em João Pessoa, o 1º encontro regional, reunindo escritoras, poetisas, tradutoras, jornalistas, professoras e demais mulheres ligadas à literatura e à escrita. O encontro aconteceu na Tamarindeira Espaço Criativo, no bairro de Miramar.

Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Porto Alegre e Recife realizaram encontros, mobilizando as mulheres das letras para participar do evento em João Pessoa. Porto Alegre foi uma das primeiras cidades a realizar um encontro regional do Mulherio, no mês de abril. Em São Paulo, o encontro do Mulherio aconteceu, no dia 30 de junho, na Livraria Blooks, no bairro da Consolação, reunindo cerca de 50 mulheres. As escritoras de Goiás também promoveram seu encontro, no dia 8 de julho, que também incluiu discussões sobre audiovisual e artes visuais, e contou com uma programação recheada de oficinas, apresentações artísticas, rodas de conversa, exposição de livros, zines e HQs, recitação de poemas, discussões e troca de experiências. Em Salvador, na Bahia, as escritoras também se encontraram no dia 8, assim como as de Brasília, no Distrito Federal, que nem o frio impediu de se reunirem no Café Visconde, na Asa Sul. Em Recife, a atividade foi batizada com o nome de “Sopa de Letras” e aconteceu no Edifício Texas, no bairro da Boa Vista. As escritoras de Belo Horizonte também se reuniram e discutiram sobre a sua participação no Encontro Nacional do Mulherio em outubro. O Rio de Janeiro também entrou no circuito literário dos encontros regionais no dia 15 de julho.

“O ‘Mulherio das Letras’ é um movimento que já existe desde a atuação de todas e de cada uma dessas mulheres no universo das letras, que agora se encontram para discutir ideias e definir novos rumos”, afirma Valeska Asfora, coordenadora da ONG Porta do Sol e uma das co-realizadoras do encontro em João Pessoa. “O ‘Mulherio’ não é mais um evento literário, mas sim, um grande encontro entre as mulheres das letras de todo o país”, completa Kennya Queiroz, uma das organizadoras do encontro.

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras (PB) e está radicado em João Pessoa desde 1979. Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do “Correio das Artes”. Como poeta, lançou, entre outros, os livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* e *Receitas de como se tornar um bom escritor*. E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

Mentiras sinceras (me) interessam



Sob esse título (verso extraído da canção “Exagerado”, de Cazuza) aconteceu uma mesa de debate durante a FLIP 2014, com a participação de três escritores, dentre os quais, o pernambucano Marcelino Freire. O título se justificava pela seguinte provocação lançada aos participantes: quanto da vida pessoal de cada um daqueles escritores havia nas obras que escreviam, ou seja, no que ficcionalizavam? Marcelino Freire lançava, por aqueles tempos, seu primeiro romance: *Nossos ossos* (Record, 2013). E iniciou sua fala num tom que misturava alarde, desabafo, explosão de sentimentos, mais ou menos com as seguintes palavras: “escrevi esse livro pra me livrar de um amor, porra!” A entonação na fala do escritor ao declarar-se dessa maneira correspondia a um catártico impulso, pelo qual o escritor talvez quisesse dizer tudo, mas, ao fim e ao cabo, não dizia nada.

Convenhamos, no entanto, que uma declaração desta não passa incólume. Ativa a curiosidade dos ouvintes, colocando-os, por exemplo, na busca de encontrar, naqueles personagens de *Nossos ossos*, o

eu-autor de carne e osso. Narrado em primeira pessoa, a especulação leitora já, de cara, definiria como sendo Heleno, o personagem-narrador, o *alter ego* de Marcelino Freire, a sua máscara, criada para compor um autor implícito. Mas, também, não descartaria a possibilidade de o autor habitar um pouco da pele (de papel) de cada um dos demais personagens. Tudo isso não passa de especulação de leitor e pode contribuir na sua interpretação da obra, mas em pouca medida. Por quê? Porque não se trata de biografia, mas de romance e, como tal, goza de uma liberdade tão irrestrita que pode derrapar as bases de uma análise em que se eleva, apenas, o tom confessional (possivelmente) existente na obra, corroborado por uma fala do autor numa mesa de debate sobre questões relativas ao tema da confissão.

Sobre esse caráter confessional, muito se tem para falar. A *autoficção*, por exemplo, surgida nos anos 1970 para “classificar” obras, em geral, confessionais, bem como para levantar discussão em torno dos gêneros biografia e autobiografia, segue suscitando polêmicas, ora clareando, ora nublando ainda mais sua teorização. Cada teórico e/ou escritor envolvido na discussão sobre autoficção apre-

FOTO: ORTILO ANTÔNIO

*ficina de criação literária
com Marcelino Freire, no
Espaço Cultural José Lins do
Rego, em fevereiro de 2015*



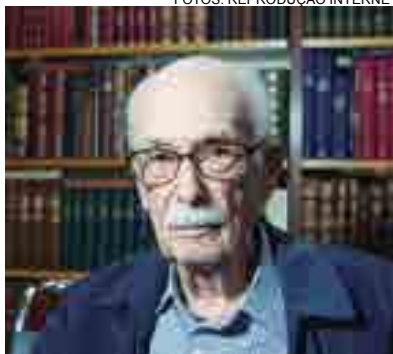
› senta alguma particularidade. Algo bastante natural quando do surgimento de novos gêneros, subgêneros, ou categorias literárias. Portanto, não dá para discuti-la aqui. Referir-se à autoficção, mesmo que superficialmente, tem o intuito apenas de sinalizar a existência de uma discussão já marcada pela presença de diversas vozes interessadas no assunto relativo a “escritas de si”, já há algumas décadas, tanto na Europa, como cá entre nós.

Guardadas as devidas diferenças, essa discussão lembra, de certa forma, o estudo de Antonio Candido sobre Graciliano Ramos, cujo título já se faz revelador: *Ficção e Confissão*. Nesse estudo, Candido desenvolve uma reflexão sobre o limiar entre ficção e confissão na obra do escritor alagoano, cujo sentido é iniciar o leitor num percurso de leitura direcionada para o encontro de um autor/intelectual/cidadão de seu tempo e lugar. “Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais”, diz o crítico.

Não se trata, portanto, de definir o livro como biografia, ou o autor como biógrafo, ou memorialista, mas de refletir sobre as “mais vívidas emoções pessoais” confessadas por meio da ficção. E o que se eleva aqui é a forma como essas experiências vividas por quem escreve estão estruturadas ficcionalmente, levando-se em conta, inclusive, que tais experiências vividas não dizem respeito, exatamente, àquelas pelas quais o autor de carne e osso passou, mas sim àquelas que o mundo, em seu meio vivido e sentido, lhe proporcionou, o que pode significar, por exemplo, aquelas observadas pelos seus olhos; afetadas (de afeto mesmo) pelos seus sentidos etc.

A maneira de reconhecer as categorias de autor e narrador

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Antonio Candido é autor de um importante estudo sobre Graciliano Ramos, intitulado Ficção e Confissão



Ángel Rama não se interessa pelos detalhes da vida dos autores, mas pela beleza das obras de arte em si



Silviano Santiago diz que compete ao leitor abonar ou não a verdade naquela ficção e a vida naquela mentira



Para José Saramago, o que o autor narra nos seus livros é uma espécie de história pessoal secreta, profunda

também auxilia no debate sobre a representação de “uma” verdade (para além de seu caráter verossímil) no texto ficcional, e que constitui o propósito da referida mesa de debate em que se inseria Marcelino Freire. Por

exemplo, José Saramago defende a ideia de que não existe a figura do narrador, como ser inventado pelo autor, ao qual se atribui a responsabilidade pelo que se conta. Para o escritor português: “O que o autor vai narrando nos seus livros é, tão-somente, a sua história pessoal. Não o relato da sua vida, não a sua biografia, quantas vezes anódina, quantas vezes desinteressante, mas uma outra, a secreta, a profunda, a labiríntica, aquela que com o seu próprio nome dificilmente ousaria ou saberia contar”.

Nesse jogo entre verdade e mentira, o que deve interessar ao crítico, verdadeiramente, é a forma como o jogo é construído, para a configuração da matéria expressada, e não, exatamente, o caráter confessional a que o jogo pode conduzir o leitor. O crítico e romancista Silviano Santiago diz o seguinte sobre o tema: “O romance - ou a obra de arte - ludibria as categorias opostas e excludentes de verdade e de mentira para nos retirar do ramerrão de uma visão de mundo precária de ética. A verdade é a obra de arte enquanto tal. Romancista algum pede ao leitor para assimilar a verdade como se ela viesse da boca de jurista íntegro. Tampouco lhe pede para acreditar na mentira tal como dita por boquirroto. [...] Compete ao leitor, e só a ele, afiançar, abonar ou não, a verdade naquela ficção e a vida naquela mentira”.

A questão está, então, nesse jogo entre verdade e mentira, e não deve se limitar única e exclusivamente ao jogo em si, mas, sobretudo, à forma como ele é construído, cabendo ao leitor, conforme Silviano Santiago, “afiançar, abonar ou não, a verdade naquela ficção e a vida naquela mentira”. O limiar entre a “verdade na ficção” e a “vida na mentira”, a que Santiago se refere, configura-se, assim, como próprio e natural do texto ficcional. E, mesmo que o autor confesse o quanto há de experiência vivida na sua ficção, o que vai importar, de fato, à análise crítica

ca não são a verdade ou a mentira em si, em termos confessionais e isoladamente, mas como elas estão estruturadas, dialeticamente, em prol de um projeto literário e meramente ficcional.

Em *Nossos ossos*, há um enredo que prende o leitor, que o faz acompanhar Heleno desde a sua chegada em São Paulo, momento em que encara o desamparo, as dores, o abandono de um amor, até o cortejo funerário em que se dá o sepultamento de Cícero, outro personagem da história. Há fabulação, há reflexão, mas há nesse romance, sobretudo, um trabalho de estrutura e de escrita bastante significativo e que diz respeito às funções da linguagem, nos termos de Roman Jakobson: a função metalinguística e a função poética.

O romance é todo ele dramaturgia, não somente porque sua estrutura o leva a esse entendimento, mas porque se discute no seu interior o próprio fazer dramaturgico, por meio das falas do personagem-narrador Heleno, que escreve para teatro. Vejamos um trecho bastante exemplar desse procedimento literário:

...logo cedo não seria fácil enfrentar dois mil e tantos quilômetros até o Recife, de lá para o Poço do Boi outras quatrocentas léguas, pensei que, se eu tivesse que escrever, na vida, uma outra peça de teatro, escreveria esta, a de um dramaturgo de sucesso que atravessa o Brasil em um carro funerário, levando, para seu último descanso, o corpo de um garoto de programa com quem havia trepado, uma história, digamos, de amizade, ao que parece, também daria um bom filme essa viagem, se não fosse ela, em vez de ficção, a mais pura verdade. (p. 75-76).

Aqui se configura claramente um jogo entre verdade e mentira, entendendo-se que “a mais pura verdade” a que o narrador se refere é a realidade dentro da própria ficção, e limitada ao espaço que ocupa entre a primeira e a última página do romance.

O romance é também, todo ele,

poesia, não somente pelo lirismo que o compõe, mas pela estruturação de elementos poéticos – o ritmo e a rima – que ocupam um lugar bem particular nos finais dos capítulos, mas que também perpassam, aqui e acolá, todo o livro. Por exemplo:

...vim para São Paulo atrás de um corpo vivo, volto agora, para minha terra, carregando uma sombra, um espírito defunto, algo em mim que ficou extinto, inânime, à boca do túmulo (p. 86).

Trata-se, assim, de técnica literária em função do conteúdo que se expressa: um monólogo criado para ser encenado, cujas falas são arrematadas aos finais dos capítulos (incluindo-se as possíveis rubricas) e auxiliam na composição de uma certa musicalidade, resultante das suas rimas internas.

Em entrevista ao jornalista e escritor William Costa, publicada aqui no *Correio das Artes*, em março de 2015, Marcelino Freire declara que escreve pensando em teatro e que o personagem Heleno retoma um sonho do autor de ser dramaturgo. Diz também que lê seu próprio texto em voz alta imaginando seus personagens como atores. É importante conhecer esses detalhes peculiares a sua produção, mas não são esses detalhes que devem conduzir a leitura crítica. Noutras palavras, ler (e ouvir) declarações desse tipo pode auxiliar num trabalho de análise-interpretação, mas não deve determinar o rumo da crítica. Em qual sentido, então, pode auxiliar? Auxilia, por exemplo, na busca do autor/intelectual/cidadão de seu tempo e lugar, pois define, em certa medida, o seu lugar epistêmico-ideológico, que pode ou não ser corroborado pelo conteúdo expresso em sua obra. Por exemplo, ao responder à pergunta de William Costa sobre a recorrência de personagens homossexuais, prostitutas, desempregados etc., Marcelino Freire insinua um certo projeto social intrínseco no seu proje-

to literário: “Acho que é assim: dói, eu escrevo. Alguma coisa dói. Alguma coisa está fora do lugar. A injustiça, que me choca profundamente. Me afetam profundamente os absurdos sociais. As diferenças. Os preconceitos. Aí escrevo para tentar entender o mundo a minha volta”.

Tudo o que aqui se expõe de alguma maneira interessa à crítica literária, ou à crítica de arte de um modo geral. Salvo, talvez, naqueles casos específicos e envoltos pela “crise do sujeito”, pensemos que toda obra é assinada por um sujeito sócio, histórico e culturalmente marcado pelo seu tempo e pelo seu lugar. Nesse sentido, interessa um encontro com o autor, na finalidade de (re)conhecê-lo como intelectual, como cidadão.

O contrário, no entanto, não é menos válido, afinal o que deve importar à crítica é, sobretudo, a obra-objeto-de-crítica. As palavras de Ángel Rama nos auxiliam, também, numa outra maneira de se ler o texto literário: “...nunca me han interesado los autores, sus pequeñas historias y sus gloriolas efímeras, que oscurecen su yo profundo, sino la belleza, la verdad, el placer de las obras de arte, como si no tuvieran autor”.

Buscando ou não o autor, ambas as possibilidades de se ler são legítimas. Mas a primeira possibilidade pode nos conduzir ao encontro de uma pessoa que, antes de escritor, é um ser humano e, como tal, ocupa um lugar no tempo da nossa história real; por isso, pode ser, para além da obra que produz, um aliado nosso no desejo de que algumas coisas nesse mundo real mudem, ou mesmo no afã de desenharmos, juntos, alguma nova utopia. ■

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em Belo Horizonte (MG).

Carlos França

Silêncio inatingível

Você caminha no ar, no espaço
Em formato de fumaça da natureza,
Calado, no silêncio do teu passo.
Pensamento vívido da incerteza.

A surdez da tua vontade
Espalha-se pelas cores da natureza.
O silêncio da tua verdade
Se desfaz na penúria de uma leveza.

Teu ritmo inconstante se confunde
Na palidez de teu silêncio sem dança.
E quanto mais no vazio se aprofunde
Não encontrarás final de tua esperança.

No sentido contrário,
Da estrada de nossas vidas,
Tem um silêncio imaginário
Em mentes silenciosamente feridas.

Enquanto você caminha,
Seguindo como vento inaudível,
Vou em busca daquilo que eu não tinha,
Dentro do meu silêncio inatingível.

Simple poema

Estou a imaginar-me
Dentro de um poema.
Sou verso, sou rima,
Sou o ator da cena.

Metrifico calado
Um soneto esquecido.
Meu quarteto somado
Ao terceto preferido.

Sou nuvem escorregadia
No infinito celestial.
Sou a própria ironia
Na soma do soneto desigual.

Sou o gesto do beijo pintado
De um escarlate invisível.
Sou a boca do sabor provado
De um poema impossível.

Sou o ator,
Sou a cena.
Sou o autor
De um simples poema.



O poeta **Carlos Henrique Castro França**, 66 anos, é natural de Porto Velho (RO) e mora em João Pessoa (PB). É bancário e artesão aposentado e, atualmente, cursa Letras (Português) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

“De joelhos vou te seguir”

(NOTAS SOBRE “TUA CANTIGA”)

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*



FOTOS: REPRODUÇÃO INTERMET

Quando ouvi “Tua cantiga”, a mais recente canção de Chico Buarque, pela primeira vez, gostei de imediato. Quem me conhece não vai se surpreender e vai até dizer que eu sou suspeita. De fato, se há um compositor que eu respeito, admiro e amo com todo meu coração, é Chico Buarque. Não falo do homem, embora também o ache lindo, nem do cidadão, embora sempre tenha admirado sua coerência, lucidez e inteligência política. Quem habita meu coração é o Chico-poeta-criador de canções que, para mim, não têm igual, seja em sensibilidade, percepção humana, ampliação de visão de mundo e sofisticação de linguagem. Para mim, Chico é o maior de todos!

Quando ouvi “Tua cantiga” pela primeira vez, reconheci, de imediato, os versos de Shakespeare que estão no Soneto 116, um dos mais conhecidos do bardo inglês sobre o amor. Esses versos específicos encontram-se ao final do soneto e dizem: “If this be error and upon me proved/I never writ, nor no man ever loved”. Barbara Heliadora traduziu esses versos assim: “Se isto é falso, e que é falso alguém provou,/ Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou”. Na cantiga de Chico, temos: “Ou estas rimas não escrevi/nem ninguém nunca amou”.

O “this/isto” ao final do soneto de Shakespeare é uma referência ao que o eu-lírico acabou de dizer sobre o amor: “Amor não é amor/ se quando encontra obstáculos se altera”; “Amor é um marco eterno, dominante/Que encara a tempestade com bravura”; “Amor não teme ao tempo”; “Amor não se transforma de hora em hora,/Antes se afirma, para a eternidade”. (De novo, cito alguns versos da tradução de Heliadora). Trata-se, portanto, de um soneto que celebra o amor como um sentimento constante e imutável.

Na cantiga de Chico, o intertexto com Shakespeare aparece no seguinte contexto: “Mas

teu amante sempre serei/Mais do que hoje sou/ Ou estas rimas não escrevi/Nem ninguém nunca amou”. Ou seja, o efeito dos versos antecidos por “ou”, em ambos os poemas, é igual: referendar a verdade de tudo que foi dito até ali, inclusive impelindo o leitor/ouvinte a também ser cúmplice na atribuição daquela verdade.

Quando ouvi “Tua cantiga” pela segunda, terceira e quarta... vezes (na verdade, foram muitas as vezes que a ouvi, uma atrás da outra), também chamou-me a atenção o exagero do eu-lírico em suas sugestões e ofertas ao destinatário (“minha nega”) do poema: “Basta dar um suspiro/que eu vou ligeiro/te consolar”; “Basta soprar meu nome/com teu perfume/prá me atrair”; “Deixa cair um lenço/que eu te alcanço/em qualquer lugar”. Observemos que em depoimento recente, Caetano Veloso chama a atenção para o frescor e a novidade dessas rimas (suspiro/ligeiro; nome/perfume; lenço/alcanço), chamadas rimas imperfeitas. Claramente, não se trata apenas de exagero, mas de metáforas e hipérboles que produzem uma atmosfera permeada de impossibilidades – ou, talvez possamos dizer, trata-se da cria- ▶

Chico Buarque lançou o single “Tua cantiga”, do álbum *Caravanas*, em julho deste ano





O fato de "Tua cantiga" se revelar como construção poética, constitui um convite para que o ouvinte embarque na fabulação e na fantasia da canção de Chico

ção de realidades que só podem existir na mente e subjetividade amorosas, tamanha sua fantasia. Afinal, se o eu-lírico pode fazer tudo isso, por que sua "nega" não larga logo seu "vigia desalmado"? Uma das respostas para tal pergunta – considerando que essa pergunta pudesse ser feita – é que estamos em um contexto bem semelhante àquele das "cantigas de amor" e "cantigas de amigo", poemas medievais escritos para cantar amores não correspondidos, para exorcizar e celebrar os sofrimentos de amores impossíveis; noutra vertente, também para expressar alegria com a volta do amante ausente. Ambos os tipos de cantiga eram escritos por homens, mas nas "cantigas de amigo", há a dramatização de uma voz feminina.

Aqui, na cantiga de Chico, temos um eu-lírico masculino, em que os sujeitos envolvidos já são comprometidos e o sujeito que fala se coloca em posição de subserviência em relação à mulher amada, confessando, de modo dramático e apaixonado, seu sentimento. De fato, essas são características presentes nas "cantigas de amor" trovadorescas, permeadas por uma atmosfera amorosa plangente e suplicante. Na releitura de Chico, a canção é dedicada à sua "nega" (em vez de sua "dona" ou "senhora", como antigamente), criando uma intimidade (à brasileira) entre os amantes: "E quando nosso tempo passar/ Quando eu não estiver mais aqui/Lembra-te, minha nega, desta cantiga que fiz pra ti".

A hipótese de que "Tua cantiga" (falo em termos de letra) si-

mula ou ressignifica um híbrido da lírica trovadoresca já é anunciada pelo termo "cantiga" – algo que me foi ratificado por uma informação que Ana de Hollanda mencionou em "Zeladores da nova moral querem queimar livros clássicos": o fato de que a música de Cristóvão Bastos (parceiro de Chico em "Tua cantiga") é "um lundu, estilo musical quase extinto, herança dos escravos". Ou seja, como todo compositor consciente do trabalho artístico, Chico fez a letra da canção se alinhar com um tempo remoto – de suspiros, súplicas, sopros e lenços caídos. Eis por que, ainda segundo Ana, são utilizadas "imagens e expressões raras no linguajar atual". Por outro lado, essa codificação que venho associando a "cantigas trovadorescas", presente, ainda, em

"Quando teu coração suplicar"

"Se um desalmado te faz chorar"

"Se o teu vigia se alvoroçar"

acaba sendo diluída com a utilização de termos e expressões coloquiais, dos quais podemos citar "fazer manha", "me aperrear", "minha nega", expressões inclusive bem nordestinas.

Sempre que um texto resgata textos anteriores, acontece aquilo que denominamos recodificação,

e, neste processo, a convivência entre códigos lingüísticos e literários pertencentes a tempos distintos, gerando aproximações e distanciamentos entre a perspectiva anterior e o olhar contemporâneo sobre aquele tempo. É como quando um cineasta, por exemplo, faz um filme musical ou em preto e branco em pleno século XXI. Os intertextos, as recodificações acionam um conhecimento da própria tradição artística (tanto do ponto de vista de quem cria a obra artística quanto de quem a aprecia), dando conta de sua renovação e do seu dinamismo. No caso de "Tua cantiga", o poeta teve a sensibilidade e a inteligência para criar uma letra que entrasse em sintonia com o "passado" do lundu e, ao fazê-lo, também permitiu o resgate de modelos poéticos de séculos anteriores (o intertexto com o soneto de Shakespeare e a simulação da cantiga de amor, representante da lírica medieval, dão bem o tom) de modo a permitir sua perenidade.

O drama desse sujeito masculino, que tão apaixonadamente fala a sua amada, sendo capaz até de segui-la de joelhos (deixando mulher e filhos), torná-la sua rainha, de silenciosamente deitá-la em uma cama que ele mesmo arrumou, de despertá-la, pisando em plumas, toda manhã, é inclusive sublinhado pelo modo como Chico canta a canção, como se dramatizando uma subjetividade submissa e de total entrega.

Além de tudo isso, o fato de "Tua cantiga" se revelar como construção poética – em dois momentos o eu-lírico diz "ou estas rimas não escrevi" e "lembra-te, minha nega, desta cantiga que fiz pra ti" –, constitui um convite para que o ouvinte embarque na fabulação e na fantasia da canção, de modo a apreciar o faz-de-conta proposto, inclusive no resgate de outras cantigas. "Tua cantiga", portanto, é esse amálgama de várias cantigas, constituindo-se, portanto, também *nossa cantiga*. Ou será que nós nunca amamos? ❖

Genilda Azerêdo é professora do curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. É Pesquisadora PQ2 do CNPq. Mora em João Pessoa (PB).

"Caracajus", de Chico César:

O ESPAÇO CORPO E O
ESPAÇO VAZIO

Jennifer Trajano

Especial para o *Correio das Artes*

Para Charles Perrone (2008), a letra de música pode ser considerada poema quando se sustenta sozinha. É o que ocorre com algumas das composições do paraibano Chico César. Este que, de acordo com Amador Ribeiro Neto (2015), é uma original criação do tropicalismo, a ponto de inovar, reinventar e antropofagizar este movimento.

Desde seu primeiro disco *Aos Vivos*, de 1995, o cancionista – conceito de Luiz Tatit (1995) – vem equilibrando a voz na melodia e a melodia na letra com criações que fazem dialogismo com outros de diversas artes, trilhando estradas antropofágicas.

A canção "Caracajus", por exemplo, do álbum *Estado de poesia* (2015), é rica em erotismo e vazios – fenômeno reformulado pelo teórico literário alemão Wolfgang Iser, o qual faz referência ao que não está dito no texto, correspondendo dessa forma ao eixo sintagmático de leitura. Nessa letra de música, há quebras da *good continuation* (Psicologia da *Gestalt*) – ou quebra de conectabilidade/expectativa – com relação à semântica, pois as palavras e os versos tendem a quebrar o sentido, assumindo significados metafóricos no desenrolar das estrofes. Essa quebra de continuação deixa vazios (ou lacunas de sentido) a serem preenchidos pelo leitor no momento da leitura. "Leitura" e não "audição" porque, vale ressaltar, a letra está sendo analisada como poema, desconsiderando a semiótica da melodia.

"Caracajus" contém dez estrofes. Dentro de tal música, o refrão é repetido três vezes, no meio e ao final. O poema é rico em ri-



♦ mas internas e externas, dadas por aliterações e assonâncias, que atribuem ritmo à leitura. Além disso, as imagens das metáforas são bastante significativas para o título. ‘Caraca’ foi o primeiro navio projetado para viagens colonizadoras em alto mar. A fusão entre essa palavra e ‘caju’ refere-se à Bárbara, a musa que é navio e fruta ao mesmo tempo: “Estou de um jeito tão porto/ E tu tão perto, navio”. Além disso, ‘Bárbara’ faz referência aos *bárbaros*, invasores de terras, que receberam tal nome por serem povos desconhecidos dos habitantes dos lugares onde invadiam.

Na letra de música, as aliterações “c”/ “m”/ “p”/ “r” / “s” e as assonâncias “a”/ “e”/ “i” / “o”/ “u” dançam em todas e quase todas as estrofes. Na primeira, a figura feminina é erotizada, pois seus lábios são comparados, nos dois primeiros versos, a uma fruta, dando ideia de alimento [A fruta em seus lábios / A alma saindo pela boca]. Nos três últimos versos, o sentido de ‘lábios’ pode ter uma conotação sexual, pois há uma quebra da *good continuation* ao ocorrer a mudança sintática entre ‘fruta’ e ‘lábios’ nos primeiro e terceiro versos: [A fruta em seus lábios / Os lábios de sua fruta calma]. ‘Fruta’, ‘calda’ e ‘polpa’ sugerem erotismo.

Não é a primeira canção que traz características da figura feminina metaforizadas em frutas, Alceu Valença faz isso belamente na letra de música “Morena Tropicana” (Álbum *Cavalo de Pau*, 1982), por exemplo: “Pele macia / Ai! carne de caju! / Saliva doce, doce mel/ Mel de uruçul/ Linda morena! Fruta de vez temporana! Caldo de cana caiana! Vem me desfrutar!”; mas não “quebra” como Chico César.

Contrariando o fato presente no senso comum de serem os olhos o órgão atribuído à alma, a noção cultural de pureza (algo sublime) que se tem (ou se almeja) dela também é quebrada na canção, pelo fato desta alma ser transportada para outra região do corpo, “a fruta vagina”.

A segunda estrofe dá continuidade à visão erótica. Sinônimos de ‘Apalpar’ são ‘apertar’, ‘pegar’, ‘tocar’, por exemplo, o que é quebrado novamente, tendo em vista o segundo verso [Palpos dos sonhos mais loucos], pois o verbo sugere algo concreto e a ideia de ‘sonhos’

rompe essa concretude com seu valor de subjetividade. A palavra ‘palpos’ é também significativa, por ser o “apêndice segmentado das maxilas ou do lábio dos insetos” (HOUAISS, 2009), ou seja, ainda se refere a ‘lábios’, apesar de não humanos, fazendo jogo sonoro com ‘apalpo’ do verso acima.

Em seguida, o eu-lírico refere-se ao engenho de cana-de-açúcar como a parte do corpo feminino que produz líquido, chamando-a de doce caldo (o que pode lembrar caldo de cana, muito comum no nordeste brasileiro). Logo depois, o poeta troca a palavra ‘dantes’ por ‘dentes’, recordando novamente a boca [Nunca dentes escorrido / Em gozo], o que quebra a continuidade natural e deixa o vazio a ser preenchido.

Numa interpretação possível, o eu-lírico pode se referir ao sexo oral, pois, logo em seguida, no refrão [Fogo na caldeira da usina], utiliza a palavra ‘fogo’, simbolicamente representando a libido. Esta, aqui, pelo fato de a caldeira ser um recipiente que faz fusão/ aquece/ cozinha/ alguma coisa (definição retirada do Dicionário Houaiss, 2009), sendo a florada pela produção dos “Sucos e Melaços / Caracajus”, isto é, pela fusão do navio com a fruta do corpo feminino.

Seguidamente, na quinta estrofe, a neopalavra rima com ‘maracatus’ [Maracatus de baques vidrados]. “Baques vidrados” trazem o repertório desse ritmo, o qual, possivelmente, foi utilizado como símbolo das batidas do coração. Na mesma estrofe, as *good continuations* são quebradas com a antítese entre as expressões “afoga o fogo”, “afoga em chama” e “onda de calor”.

Na sexta ele articula duas palavras de categorias que se relacionam: ‘vela’ e ‘chama’, porém esta última é posta no sentido de verbo: invocar o sacerdote xamã, acendendo a vela. Depois, o verso “E a barca singra em mares de mim” demonstra a interioridade do eu-lírico, o qual posteriormente afirma que é um espaço [Essa é a minha praia] – lugar que espera pela caraca amada [Saia ao vento espero / Pastor], já que deseja ser habitado pela Bárbara.

O eu-lírico se põe em vários lugares dentro e fora de si [Duma duma avisto a canoa boa], sendo ele

também lugar, e mistura uma sensação de sentidos [Sinto o cheiro que vem de você / E de você que vem], os quais se vinculam à musa:

Lança agora tua âncora
Bárbara
Como um piercing no meu peito
Feito lança de arpão.

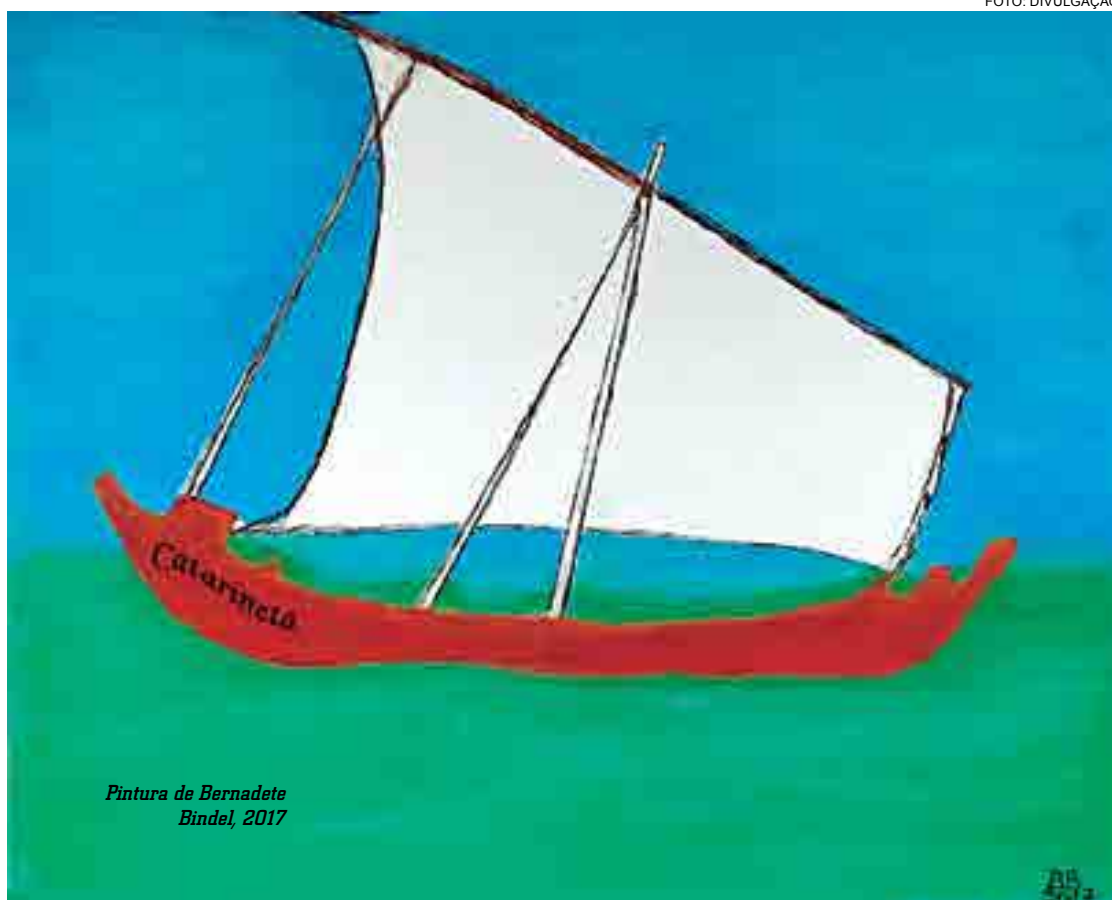
A noção de permanência dada pelo contexto da palavra ‘lança’ sugere o desejo do poeta de possuir o ser amado, como uma espécie de devoção, pois arpão é um instrumento de pesca que serve para fisgar os peixes, o que mais uma vez reforça a ideia de “entre-lugar” do eu lírico. Este diz haver um peixe em seu peito que deseja ser capturado pela lança da amada.

Tendo em mente que para lançar algo também parte de um desejo, é como se o eu-lírico almejasse o desejo recíproco de paixão da figura feminina. Todo o resto da estrofe sugere desejos: o desejo do eu lírico de a mulher concretizar o desejo (dele e dela) no corpo dele, com seu corpo feminino de navio (caraca) e fruta (caju):

Semeia em meus campos
As tuas sementes
Rega com suor e gozo
O roçado novo em meus lábios

A letra segue com o refrão. Na penúltima estrofe – que o antecipa, já que se encontra na estrofe final –, o eu-lírico, mais uma vez, é espaço: “Estou em período fértil de ti”; “Marulhos marejam meus olhos”; “Preenche minha terra aldeia / Onde sou já terra alheia”. Tal espaço “deseja” ser habitado pela maruja de corpo-espaço caracaju. ✦

Jennifer Trajano nasceu no dia 28 de junho de 1996, na cidade de João Pessoa (PB), onde reside. Graduada em Letras (Português) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), acredita ser a arte uma utopia capaz de salvar o ser humano e eternizá-lo depois da morte. Escreve ficções e poemas a fim de ser (e para que sejam) todos os eus não proporcionados pela vida, pois acredita que no ato de leitura é possível ser outras(os). Ainda não publicou em livro, mas participou de uma antologia intitulada *Senhoras obscenas*.



Pintura de Bernadete
Bindel, 2017

A donzela que foi à guerra

José Maria Tavares de Andrade

Especial para o *Correio das Artes*

*Na verdade do que se vive, sentindo e contando
como escolher entre a literatura e as ciências?*

Era uma vez uma donzela muito bonita, de família nobre, e que deseja substituir seu pai, já velho, para ir à guerra, pois ela não tinha irmãos. Não é a primeira nem a última vez que se conta e reconta este início de narrativa. Faz séculos e até agora ninguém ousou completar a estória. Pois bem em respeito aos leitores mostro um pouco o contexto geográfico e histórico deste caso fantástico da 'donzela que foi à guerra'.

A força do tema narrativo é enorme, potencial que dispensou mesmo um desenrolar completo do enredo e conclusões das versões reproduzidas. Identifico esta potencialidade narrativa na dialógica entre:

feminino/masculino; paz/guerra; amor/disputas; romantismo/tragédias humanas. Trata-se, neste caso, da batalha ocorrida de Toro em 1476, entre ibéricos e Aragão - barreira de montanhas entre França e Espanha.

Na verdade do que se vive, sentindo e contando como escolher entre a literatura e as ciências?

Neste exercício de Antropologia complexa deixem-me costurar: História e estória; deixem-me revistar neste velho/novo roçado, à imagem e semelhança do homo *sapiens/ demens*, como se reflete em fatos e fantasias; em andanças e devaneios no ensaio-conto. E mais, demostrei in *Mitologia da Mata ao Sertão*, 2013, que a literatura oral serve de indicadores em hipóteses antropológicas.

Herança das mais antigas da cultura luso-brasileira no Brasil, o Fandango - que também é chamado Barca, Marujada, Chegança ou Nau Catarineta - é um ▶

▶ espetáculo ou dança dramática, como classificou Mário de Andrade. Ela guarda traços do lirismo medieval - como o romance *A nau Catharineta* -, mantendo arcaísmos da língua e lembranças de aventura das travessias marítimas dos ibéricos. Este é o contexto da literatura oral onde foi parar o romance da donzela que foi à guerra; e sobre os elementos do contexto geográfico e histórico contarei depois.

A proliferação de versões orais deste tema da donzela que foi à guerra tem sido feita pelo teatro popular chamado Fandango levando esta história Ibérica para o Brasil. Na ausência de textos escritos, nos contextos sociais, a reprodução oral de heranças culturais ocupava a cena como divertimento, que durava toda uma noite, inclusive como ocorria nas apresentações tradicionais do Cavalo marinho de Ferreiros (PE), por exemplo.

Trata-se de fazer circular os três ângulos: História, lenda e contos. Gustave Flaubert - in "Três contos" retoma lendas e histórias de santo para construir a narrativa de São Juliano, por exemplo; no meu caso partindo das lendas, busco informações históricas para completar as funções (ver V. Propp) indispensáveis de narrativa, pela ficção.

O início de nossa história pode ser a batalha ocorrida na região de Toro em 1476, entre ibéricos e Aragão. O Exército Português, cuja ala esquerda, foi comandada pelo príncipe João de Portugal permanece mestre do campo de batalha contra os inimigos que se retiraram em boa ordem. Comentários de historiadores avaliam que houve uma vitória formal do campo Português, mas uma derrota estratégica, pois o Reino Português permanecia menos avançado em sua busca de dominação do Reino de Castela, reivindicação, para não dizer um sonho da rainha Joanna de Portugal. Vejamos como a Donzela é incluída nos espetáculos populares que contam travessias.

"Bela nau catarineta, dela eu venho cantar: sete anos e um dia o *tolinda* [tão linda], ando nas ondas do mar. Não tinha mais o que comer nem também o que manjar e botamos sola [de sapato] de molho o *tolinda*, pra no domingo jantar. A sola era tão dura que ninguém podia tragar".

Foi ai que o Diabo entrou em cena, ele que estava escondido no corpo do marujo mais novo, chamado "gajeiro". Esta palavra que vem do latim - *gavea* - significa a plataforma instalada no alto do mastro maior. O gajeiro, portanto, jovem que sobe e desce com rapidez, cuida dos mastros e da observação à distância. No caso o personagem via mais longe também no sentido de esperar o bom momento para apoderar-se da alma de alguém, como veremos no bom momento.

Início do diálogo entre o pai de família que acaba de receber a convocação de um representante da família para ir à guerra e a donzela sua filha mais velha:

- Aqui já se fala em guerra, nos campos de Aragão. Ais de mim qu'eu já estou velho, na guerra

me acabarão. De sete filhas que tive, não tive um só varão, para servir de Capitão, lá nos campos de Aragão.

- Aqui estou senhor meu pai. Faça de mim um varão, para servir de Capitão, no campo de Aragão.

- Minha filha tens os cabelos grandes, eles vos conhecerão.

- Meu pai chame o barbeiro, que já os verão o chão; eles não conhecerão...

Neste exercício de Antropologia complexa veremos como fatos históricos viram mitos, lendas, contos, romances, espetáculos, filmes? Temos aqui no caso da 'donzela que foi à guerra' um tema didático para responder como um destes processos se reconstrói: entre ensaio e conto - daí meu título Ensaio-conto.

Garanto que nossa bela heroína, devota da Santa do mesmo nome, ela não vai desaparecer nos campos de batalha, que nem desapareceu até hoje o Rei Dom Sebastião, tendo que reaparecer, virando aqui e acolá a figura messiânica de movimentos messiânicos, chamados sebastianistas. Com a história do Rei Sebastião, mais dois reis seus aliados, no Norte a África, foram mortos e desaparecidos, num mesmo dia, e sua história ficou sem conclusão. Situação insuportável, assumida pela "volta do salvador" esperado pelos devotos nos diversos movimentos messiânicos - sebastianistas. Garanto que minha prosa terá pé e cabeça. Foi Deus criador quem ensinou à Humanidade a contar estória, senão o mundo caminharia manco. Claro não posso contar o fim da estória, mas ela será tão linda como a donzela guerreira, tendo no final bonita festa, baile e banquete - ver in Amazon.com.br *Historia das estórias II*. ✖

**Garanto que nossa
bela heroína, devota
da Santa do mesmo
nome, ela não
vai desaparecer
nos campos de
batalha, que nem
desapareceu até
hoje o Rei Dom
Sebastião.**

José Maria Tavares de Andrade é antropólogo, pesquisador do Institut de Recherche Interdisciplinaire sur les Sciences et la Technologie, Université de Strasbourg, França. Mora em Strasbourg. Contato: tavares@unistra.fr.



Beth Olegário:

“DENTRO DE MIM
HABITA UM ULISSES”

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Viver é desviar. Com esse lema, a escritora e pesquisadora Beth Olegário vem pautando uma vida cheia de percalços, mas também de conquistas e desafios. De origem indígena, “como todos os brasileiros”, segundo ela, concluiu mestrado em Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com pesquisa sobre o “Correio das Artes”, e agora está de malas prontas para uma viagem de estudos a Lisboa, onde irá fazer doutorado com pesquisa sobre revistas literárias do Brasil e de Portugal.

Para ir a Lisboa fazer doutorado, Beth Olegário empreendeu uma verdadeira “batalha”, como, por exemplo, uma campanha para arrecadar fundos para a viagem, inclusive pela Internet. Antes de falar sobre a campanha em si, Beth recorre aos *Ensaios insólitos*, de Darcy Ribeiro, mais precisamente ao ensaio intitulado “Sobre o óbvio”. “Assim, me apoio nas palavras do mestre Darcy para afirmar que,

neste país, a classe trabalhadora sempre terá que empreender grandes batalhas para reconquistar seus direitos. Afinal, como ele mesmo disse, temos uma classe dominante admirável e façanhuda”, declara a pesquisadora.

Neste sentido, Beth enfatiza que o subúrbio é o seu lugar de fala. “Meu lugar de fala é o dos que são números, meras estatísticas. Meu lugar de fala é o lugar dos que são silenciados, é o lugar dos que não estão nas salas de aulas, que não têm acesso aos livros e nem viveram uma cultura da leitura. Meu lugar de fala é o dos que não sabem o que é um suplemento, no meu lugar de falar ‘morro é verbo’, meu lugar de fala é o lugar onde a juventude preta e pobre desse país é exterminada e, mais uma vez, o Darcy sussurra em meus ouvidos: ‘O Brasil sempre foi, ainda é, um moinho de gastar gente.’ Há mais de 400 anos tem sido assim. Já nos alertava Glauber Rocha: ‘O Brasil é uma fazenda com 400 anos.’ E se ainda é uma fazenda, é preciso dizer, aliás, gritar: Há 400 há resistência”, desabafa. ▶

› PORTUGAL: MAIS DESTINO QUE ESCOLHA

Fazer doutorado em Portugal não foi necessariamente uma escolha, mas destino. “Sou mulher, suburbana, nordestina, filha da classe trabalhadora e de esquerda. Digo, esquerda no sentido deleuziano: ‘Ser de esquerda e ser, ou melhor, é devir minoria.’ Como única filha a ter acesso ao ensino superior, e mais, em uma país em que os jovens do subúrbio têm o término do ensino médio como fim dos estudos, pois sabem que a vida os lançam à única escolha: trabalhar para sobreviver, pois estudar aqui ainda é artigo de luxo. Digo sem titubear: Portugal não foi uma escolha, mas destino. A vida nos escapa o tempo inteiro. Diferente dos meus irmãos, tive um pouco de sorte, a garra e a oportunidade de estudar. Estudar não para ‘ser gente’, como

costumava dizer meu pai, mas para questionar realidades, para questionar a minha realidade. Estudar para ser livre. O amor ao saber me fez compreender muito cedo que assistir aulas é apenas uma das atividades que um estudante pode executar em uma universidade, o amor ao saber me fez compreender que muitas vezes é preciso não deixar a escola atrapalhar nossos estudos. Sim, estou estudando para poder ignorar”, ressalta.

Durante o mestrado, como aluna regularmente matriculada, Beth tinha que cursar seis disciplinas, mas cursou quase dezoito. Vivia assistindo aulas nos mais diversos programas de pós-graduação, e foi no de Letras que conheceu a professora Socorro Pacífico Barbosa. Assis-

tiu seis meses de aula como ouvinte, e ao término da disciplina houve um mini-curso de três dias com o professor catedrático João Luís Lisboa. “Conhecer a professora Socorro e o professor João foi um acontecimento. Em 2015, Portugal realmente fez fôlha em minha vida”, enfatiza.

Depois das aulas da professora Socorro Pacífico, Beth assistiu mais seis meses de aula com a professora Cláudia Cury no programa de pós-graduação em História. A disciplina era Tópicos Especiais em História da Cultura: Imprensa e Impressos para a Pesquisa em História, e assim ela foi adentrando cada vez mais o mundo dos impressos, lendo pesquisadores da área, até que em maio de 2016 viajou para Lisboa, participou dos seminários de doutorado e do mestrado na Universidade Nova de Lisboa, frequentou a Hemeroteca Municipal, leu muito e encontrou o seu objeto de pesquisa.

“CORREIO DAS ARTES” SERÁ UM DOS SUPLEMENTOS DA PESQUISA DE DOUTORADO

A pesquisa de doutorado em Portugal terá como corpus documental quatro suplementos. Dois brasileiros - o “Correio das Artes”, suplemento literário mensal do jornal **A União**, da Paraíba, e o “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo* - e dois suplementos portugueses - o “Cultura e Arte”, do jornal *O Comércio do Porto*, e o “Arte e Letras”, do jornal *Diário de Notícias*. “Nesta pesquisa, entendemos os suplementos literários como fontes de práticas e apropriações culturais. Sendo assim, podemos considerá-los como matérias e indícios históricos (monumentos e documentos), que podem, neste caso, contribuir para elaboração e entendimento da história do campo cultural brasileiro, português e das interseções entre a Europa e América do Sul”, explica Beth.

Para a pesquisadora, mais que arquivos de textos, os suplementos representaram, em

relação ao século XX, instrumentos por onde circularam a cultura letrada. “É preciso lembrar - prossegue Beth - que durante este século as ideias nem sempre estavam nos livros, mas muitas vezes circulavam por tais suportes. Através desse estudo, acreditamos que é possível reconstituir aspectos cotidianos, uma vez que estes suportes se tornaram desaguardos de ideias e discursos, fomentaram o gosto literário, estimularam debates, impulsionaram a circulação de textos e, enquanto espaços de sociabilidades, como registra Abreu, juntamente com os “cafés, os salões, as revistas literárias e as editoras, permitiram a estruturação do campo intelectual”.

Neste sentido, a pesquisa de Beth visa compreender o papel que estes suportes desempenharam no século XX. A escrita deste trabalho terá como corte temporal a década de 50. No contexto brasileiro, este período

foi marcado por intensos debates e transformações na imprensa e nas artes. Nesta década, o jornalismo passou por diversas transformações gráfico-editorais. A escolha dessa década também se deu por este período ter tido a maior profusão destes suportes nos jornais dos vários estados brasileiros. Já no contexto português, esta década é tida como o ápice da circulação e de colaborações dos artistas para os dois suplementos portugueses, bem como pela ausência de estudos sobre eles.

Como já falamos, antes de partir para o doutorado, Beth Olegário fez mestrado na Universidade Federal da Paraíba, tendo como tema o “Correio das Artes”. Esta pesquisa de mestrado teve como objetivo compreender como o imaginário social pessoense condicionou e influenciou a elaboração do suplemento literário, e como o suplemento, em contrapartida, contribuiu para a formação desse imaginário. ▶

► “Esta pesquisa buscou, na cotidianidade que perpassa o suplemento, entender como se deu a estruturação da vida cotidiana de João Pessoa. Sendo assim, observamos como o imaginário surgiu dentro dessas narrativas e como o suplemento foi a pulsão desse olhar sobre a cidade. Nesta pesquisa, utilizamos como corpus as narrativas que pertencem à década de 1940. Essa década possui 40 números. Destes, analisamos 12 narrativas. A escolha desse feixe temporal se deu por essa década estar inserida no ciclo mais importante desse suplemento. Além das narrativas analisadas, fizemos 10 entrevistas com poetas, escritores, ex-editores que tiveram textos publicados no suplemento, para mostrar, pelo viés de suas impressões, como esse imaginário construído há mais de 60 anos ainda continua produzindo imagens”, esclarece.

Durante a escrita da dissertação foi possível, para Beth, constatar que há uma dificuldade em contar a história do jornalismo cultural no mundo, e no Brasil não é diferente. Essa dificuldade se dá, segundo ela, pela documentação inconstante e, às vezes, escassa ou de difícil acesso. Além da dificuldade de escrever a história do jornalismo cultural, a pesquisadora constatou, também, uma certa “invisibilidade” nas pesquisas acadêmicas sobre o “Correio das Artes”. “Se compararmos a trajetória do ‘Correio das Artes’ à do ‘Suplemento Literário de Minas Gerais’, podemos afirmar que ambos os periódicos, que traziam elementos de suas regiões, despertaram diferentes níveis de interesses nos ambientes acadêmicos, fazendo com que, por ser da Paraíba, o “Correio das Artes” viesse a figurar nas pesquisas tardiamente”, compara.

Além de ser objeto de mais trabalhos acadêmicos, o “Suplemento de Minas Gerais” passou, a partir de 1998, a ser disponibilizado na internet. O banco de dados contém mais de 1.200 edições e foi criado pela parceria entre a Universi-

dade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG), a Lei Municipal de Incentivo à Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte e a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais. Já o “Correio das Artes”, além de não estar disponível por completo no Instituto Histórico da Paraíba, sequer consta no acervo da Biblioteca da Universidade Federal da Paraíba. “Constatamos também que estes documentos ainda permanecem exclusivamente sob a posse de colecionadores”, comenta.

Beth afirma que decidiu pesquisar a história do Correio das Artes por ser da resistência. “A história do ‘Correio das Artes’ é também uma história de resistências. O suplemento de **A União** tem resistido às intempéries do tempo e do mercado. Afinal, são mais de 60 anos de contribuição e circulação de ideias, mais de 60 anos de resistência aos ‘colonialismos internos’ e às tentativas de ‘invisibilidades’, mais de 60 anos abrindo debates, revelando realidades e autores, fermentando discussões e oferecendo saberes. Há no suplemento um viés prometeico, na medida em que ele é também um foco de revelação. Segundo Ésquilo, a posse do fogo pelos homens os possibilitaria aprender ‘todas as artes’. O ‘Correio das Artes’ tem um caráter prometeico. Se o mito é linguagem, é narrativa simbólica, podemos então pensar as narrativas desse suplemento como um conjunto discursivo de símbolos, isto é, como pequenas centelhas prometeicas. O titã filho de Jápeto e de Climene era ousado. Há também no ‘Correio das Artes’ esta mesma ousadia. Afinal, há quase 70 anos, longe dos holofotes midiáticos, em um dos estados mais pobres do Brasil, é feito um dos melhores cadernos de cultura do Brasil. Vale aqui a máxima gonzaguiana: ‘Não há bárbaro que destrua o ‘Correio das Artes’”, cita.

No doutoramento, Beth continuará trabalhando com o “Correio das Artes”. “Foi este suporte que despertou o interesse em dar continuidade à

investigação sobre os suplementos literários, bem como poder contribuir para o aprofundamento das pesquisas e a compreensão do seu papel e dos seus temas numa escala mais ampla. Acreditamos que através desses suportes é possível reconstituir uma parte da história cultural dos dois países, bem como compreender as relações culturais que eles estabeleceram. A pouca incidência de estudos, tanto no Brasil como em Portugal, despertou o interesse em realizar um ‘estudo comparativo’ e, até certo ponto, um mapeamento com intuito de compreender o papel que os suplementos desempenharam em seus contextos específicos no tempo e no espaço delimitados para a presente pesquisa”, observa. Desta forma, Beth pretende desenvolver a tese no âmbito do Doutorado em Estudos Portugueses - Áreas de especialidade: História do Livro e Crítica Textual, sob a orientação do professor catedrático João Luís Lisboa

“VIVER É ESTAR EM MOVIMENTO”

Nascida no Estado vizinho do Rio Grande do Norte, de origem indígena, Beth Olegário acredita que todos nós, brasileiros, temos origem indígena. Afinal, lembra, já dizia Viveiros de Castro: “No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é.” Essa última sentença, aliás, lhe fez lembrar o primeiro livro que leu na graduação em Letras, na disciplina Fundamentos da Literatura Ocidental, ministrada pelo professor Antônio Fernandes de Medeiros Júnior. A *Odisseia*, livro atribuído a Homero, tornou-se seu livro de cabeceira. “Eu sempre imagino que dentro de mim habita um Ulisses. Eu sempre imagino que outras Ítacas me esperam. Diante disto, não sei responder se navegar é mais importante, porque talvez mais importante que navegar seja poder regressar. O que sei do hoje é que viver é estar em movimento”, metaforiza. ✦



Aula sobre São Bernardo

(OU COMO LER UMA OBRA LITERÁRIA
NESTES NOSSOS TEMPOS)

Amados alunos:
[silêncio na sala]

A aula de hoje é sobre o romance São Bernardo, cujo autor, Graciliano Ramos, era comunista – mas não vem ao caso. Não vem mesmo. Paulo Honório é um exemplo de vencedor. Exemplo de obstinação, de dedicação ao trabalho. E só com o trabalho se vence! Paulo Honório afastou do mundo o desânimo, a paralisia. Aprendam como se põe energia nas coisas, como se faz um grande negócio, como se toca pra frente um empreendimento: Paulo Honório! Afaste de seu caminho os que não querem trabalhar, os que não querem fazer o país crescer. É seu dever afastá-los! Chame pessoas certas para lhe auxiliar – e bote essa gente para trabalhar! Faça-as ver que o país é mais importante do que elas. Que elas

trabalham, não para enriquecer ninguém, mas para fazer o progresso do país! Façam como fez Paulo Honório – grite, ameace, avance contra os preguiçosos! Você estará fazendo uma grande coisa para a nação! Se for mulher, se case com um homem trabalhador. Ache um Paulo Honório para a sua vida! Se for homem, não se case com mulher que é muito instruída, que saiba mais que você. Não queira mulher que saiba mais que você! Não seria melhor você saber mais ou saber tanto quanto sua mulher? E não se case com mulher fraca feito a Madalena. Um mau exemplo de esposa! Um mau exemplo de quem quer demolir o marido exigindo dele coisas que ele não pode, querendo que ele dê coisas para gente que devia mais era ter respeito e ir trabalhar sempre e sempre. Há parasitas que só querem tirar de quem ganha suando! Pra que escola pros meninos dos outros? Vão, como fez Paulo Honório, vender cocada! Remédio pra quem se feriu trabalhando? Foi o acaso e você não é hospital! Remédio quem paga é a prefeitura, se tiver um prefeito que preste e que seja ativo. Trabalho! Trabalho! Isso é que faz a vida ter saúde! Paulo Honório não comprava

matérias em jornais e nem fazia o juiz lhe dar benefícios. Ora! As instituições não beneficiam quem trabalha – elas têm é o dever de estar do lado de quem trabalha, do empresário de visão, que não pensa nele, mas que opera pelo país! Paulo Honório não mandou matar Mendonça, quem disse que mandou? Paulo Honório tava fazendo era a propriedade dele produzir, progredir, e o Mendonça era um demente que estava avançando nas terras de Paulo Honório. Vamos julgar com honestidade: tu deixarias livre, andando pelos caminhos, uma pessoa que quer tomar tuas terras, que quer atrapalhar o progresso do teu país? Uma pessoa que, se passasse mais tempo, podia ela mesma te mandar matar? Olhe, há certas coisas que é bom ter em mente: antes ele do que eu! São Bernardo é um grande livro! Paulo Honório é um exemplo de brasileiro! ✖

[aplausos e um assovio]

Sigam Paulo Honório! Hastag Paulo Honório!

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Rinaldo de Fernandes é escritor, antologista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autor, entre outras obras, de *O perfume de Roberta* (2005), *Rita no pomar* (2008), *O professor de piano* (2010) e *Romeu na estrada* (2014). Mora em João Pessoa (PB).

o grande outro

se tuas carnes
apodrecem
comes ou
crias outra
por cima
aí o outro
esse monstro
essa deusa
que enxerga
que a noite
vem e dorme
em minhas
carnes

escarra-me
com a mesma
boca que
me beijas
escarra-me
augusta
enferma
morcega
diálogos
de in
formalidades
se atravancam
entre teus dentes
faz-me acreditar
que estou louca
e louca que sou
eu sei
me negas
como quem
nega cristo
me negas
e negando-me
livro-me
de tua
insistente
presença
em meus
órgãos
semi podres
quase flácidos
luto
pois sou
viva
e há coragem
de mil lobos
embaixo
de minhas unhas
só os loucos
sabem

para marina cavalcante

isto não é um poema
muito menos poesia feminista
muito menos um poema artístico
tampouco cristão
isto não é nada obrigatório
nada originário de posse ou de controle
isto é nada pois só no nada se pode ser
e quando o nada se busca nada se é
é preciso não buscar o nada
nem deixar de buscá-lo
bem como não buscar a força a bússola
é preciso embriagar-se sem beber
enfraquecer-se
aceitar-se louco
jogar toda armadura *on the floor*
ser leproso puta shakespeare
aprender a dizer wislawa szymborksa
sem ter lido o prefácio que ensina
entregar-se ao desejo
ao menos uma vez na vida
asa descarga papagaio
isto não é um poema
muito menos poesia feminista
isto não é um pedido
tampouco uma seita
sexta básica *self service*
e não está nada acabado

Débora Gil



Pantaleão



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

sempre escreverei cartas suicidas

queria viver d'esperanças
 como Álvaro e tantos outros
 ainda não decorei
 todas as escolas literárias
 muito menos sei para que servem
 sei apenas que viver tem gosto
 de aparelho móvel
 que não se pode confiar
 nem nas pessoas
 nem nos finais das peças
 trágicas de Shakespeare
 tampouco nas piadas
 dos poetas contemporâneos
 em seus *facebooks*
 não sei se deveria
 ser grata
 já vivenciei
 alegrias genuínas
 que despencaram
 em tristezas profundas
 dentro de mim
 há um embate
 entre pulsões de vida
 e pulsões de morte
 meus amigos fazem
 orações para que
 a vontade sempre exista
 mas que eu nunca faça
 é então que vejo o comum
 na singularidade de nossas preces



Débora Gil Pantaleão nasceu no ano de 1989, em João Pessoa (PB), onde reside. É escritora, vegana, graduada, mestre e doutoranda em Letras e idealizadora da Editora Escaleras. Faz também o curso de especialização em Psicanálise. Publicou os livros *Se eu tivesse alma* (Editora Cia. do eBook, 2015; Editora Benfazeja, 2016) e a novela *Causa morte* (Editora Penlux, 2017). É também coeditora da revista independente *Malembe*, e colaboradora do site paulista *Livre Opinião - Ideias em Debate*.

Jorge El

Poema justo

*Não fechar a frase, não.
Deixar a palavra ao relento.*
Miguel Marvilla

Raspar as sobras
da imagem – nata
– gordura –
o escorregadio da margem.
O liso da casca.
A paisagem.
Da palavra – o inesperado –
a calda – rasgos e fendas.
Na vastidão – passagem.

Rever emendas.
Acumular entulhos –
vazios.
Cobrir de aragem.

Recolher do baixo –
memórias –
aboios –
arrelias.

Desviar das têmporas –
O estampido –
tiro –
peleja
de louco!

Repousar no estio.
Aconchego – relento.
Remover farpas –
asperezas –
ao vento.

Lambuzar com visgo –
isca –
voragem.

Revolver o leitor
no espaço-tempo.
Disparar a contagem.

No continente dos olhos –
despertar do torpor...

(Os ossos da baleia – 2013)

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



A linguagem.



Jorge Elias Neto (1964) é médico, pesquisador, cronista e poeta. Capi-xaba, reside em Vitória (ES). Publicou, entre outros livros, *Verdes versos* (2007), *Rascunhos do absurdo* (2010) e *Breve Dicionário (poético) do Boxe* (2015). É membro da Academia Espiritossantense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 2.

Manual para estilhaçar vidraças

Da raiz do nome
 ◎ esses dedos cravados
 no beiral da fenestra ◎
 extrair a resina impura.

Forjar as velas,
 acender o arrebol
 na cela escura.

Sugar o ar,
 queimando os segredos
 da memória das frestas.

Comemorar o vácuo
 estendido no vazio
 entre as unhas
 e paredes.

Tornar insuportável
 o convívio com a fumaça
 do tempo
 ◎ desfazer-se da saudade.

Alardear a fuga
 inútil da cama,
 o suicídio das fotografias.

Com a cor das tintas
 na pele,
 se esfregar nas quinas
 para sufocar seu cheiro.

Cuspir nas plantas secas,
 urinar nas portas,
 misturar-se ao cheiro das cinzas.

Soltar o grito
 e descobrir-se eco.

Serrar os pés da cadeira
 ◎ espalhar no piso
 a última réstia da certeza.

Arregalar os olhos
 ◎ sustentar as pálpebras
 e sua obtusa fuga.

Não contornar os segredos
 ◎ sacrificá-los.

(Perceber que o fora
 é um longe,
 e o dentro,
 barreira intransponível.)

Sentir o arrepio das cortinas,
 o crepitar dos tacos,
 o suor da vidraça.

Sujar de sangue
 a moldura sem espelho.

Reparar na janela
 e sua mirada sem luz.

No breu da não-paisagem
 misturar um círculo negro
 ◎ alvo no escuro.

Presentir o estalo
 da grade.

Dispensar o portal
 da crença.

Aceitar o flagelo do ícone,
 a lascívia dos místicos.

Ao que ofusca,
 o aceno,

 ao que enrosca,
 o degredo.

Reter o passo,
 recolher no ócio
 o espanto.

Ouvir o canto
 da primeira trinca
 o pio agudo
 nas rachaduras.

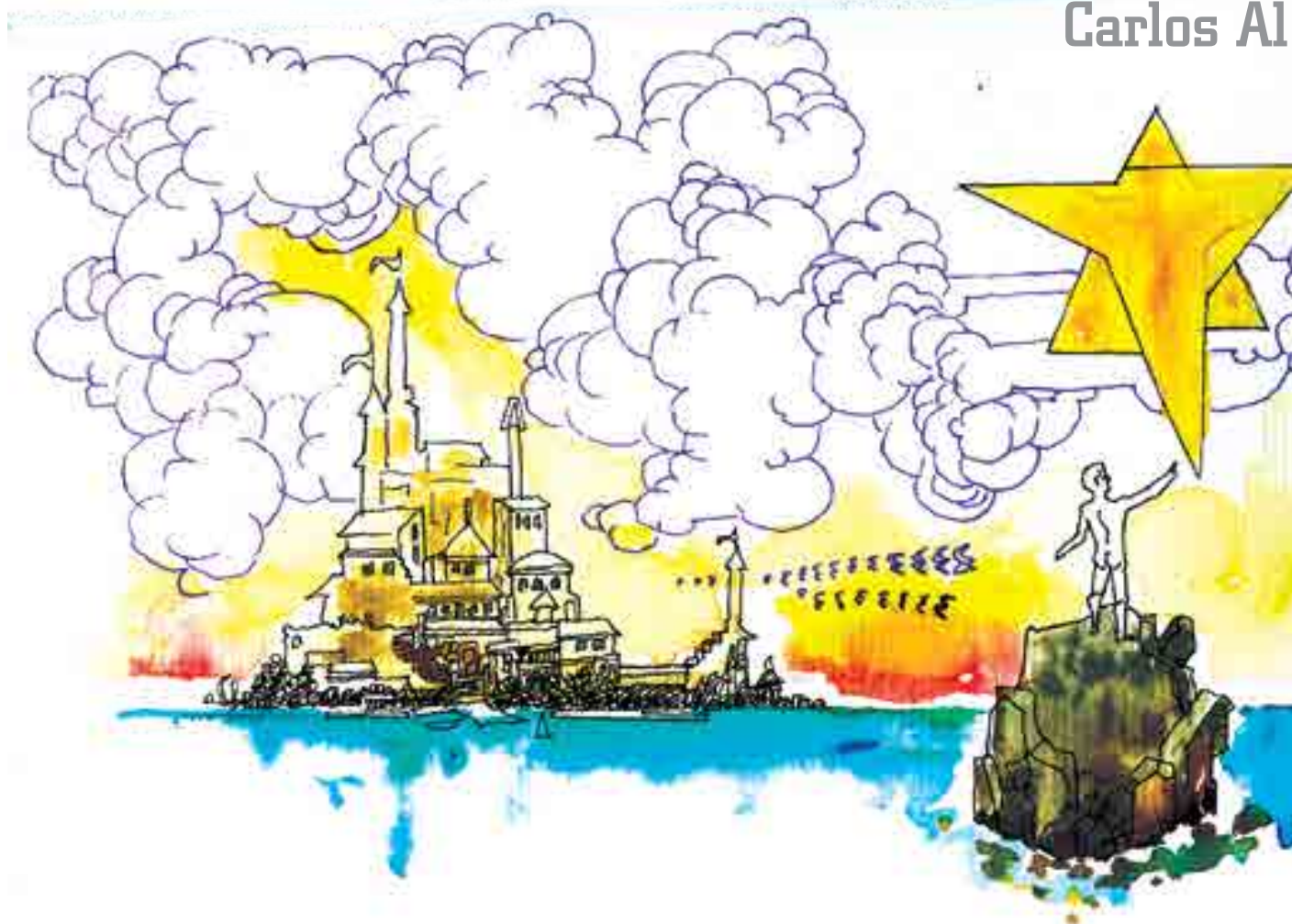
 Estampido,
 estilhaços sem rumo,
 restos de tudo.

Lançar-se aos cacos
 ◎ fôlego dos dias.

Recolher a sombra,
 a imagem bipartida.

Perseguir a identidade,
 levantando as pedras
 das vias túrbidas.

(Inédito)



Itinerário

Palavras antigas fincadas
no peito

Temporais exilados nos recantos
da infância

Ritos esquecidos nos porões
de um templo

Insidiosas perguntas no alvorecer
dos sonhos

Viagens por países que nunca
encontraremos

Fugidias máscaras senhoras
do tempo

Olhos postos num oceano órfão
de barcos

Em tudo: o desenrolar de uma história
escrita nas areias dos dias

O outro lado

Amo o lado obscuro
das coisas

A claridade fere meus olhos.
Por isto não vejo o contorno dos caminhos,
nem consigo observar a chegada das aves
a seus abrigos

A claridade me é intolerável.
Lembra-me esses antigos salões
e pessoas sorrindo quando queriam
chorar

Amo o lado obscuro
das coisas:
A ríspida ternura das pedras,
a vida dos espinhos que vegetam nos desertos,
o olhar melancólico de um velho

O lado obscuro das coisas
me comove e acalenta meus sonhos
mais desvairados

berto Jales



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



Nesses campos arcáicos

Nesses campos arcáicos,
os bois sobrevivem

Deitados ou em pé,
esperam transidos de frio ou queimados pelo fogo,
que as montanhas permaneçam onde estão
e os pássaros passem ao longe dos bosques e procurem o mar

Nesses campos arcáicos,
os bois sobrevivem

Não escutam a chuva,
não relembram o vento,
a voz de seus donos lhes chegam estranhos
e as noites avermelhadas se alimentam
do canto dos galos

Nesses campos arcáicos,
os bois sobrevivem

Como peixes num aquário se estorcem
e se reconciliam na esperança que
os dias submersos nunca cheguem

Por que?

Por que
os deuses não encurtaram
nossa infância?

Por que?
Aceitamos tudo que
nos foi dado sem pedir?
a dor nas costas
a memória atravessando uma ponte
os olhos perdidos em quartos escuros

Por que
os deuses não encurtaram
nossa infância?

Bastariam para nós alguns momentos mágicos,
alguma coisa que permanecesse num sonho,
como segurar nas mãos uma estrela.

Então seríamos felizes



Carlos Alberto Jales Costa é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.



Médicos no cinema clássico

Qual a profissão mais ficcionalizada no cinema? Não detenho as estatísticas, mas, com certeza, a medicina está entre as favoritas. Com efeito, desde os tempos do cinema mudo que o médico aparece na tela, seja como coadjuvante, seja como protagonista. Mas, com que características o médico foi ou tem sido representado na tela? Que perfil lhe é dado? Há dois, antagônicos, que recorrem: o do profissional frio que vê o seu paciente como cobaia a ser analisada, e o do humanista compreensivo que considera o paciente como um ser humano, igual a ele mesmo.

Na época clássica, a que aqui privilegio, essa dualidade comportamental foi constante. Ao redigir esta matéria, lembro dois exemplos bem sintomáticos: (1) o Dr. Austin Sloper (Ralph Richardson) de *Tarde demais* (*The heiress*, 1949, de William Wyler), médico impessoal que, com palavras cruéis, não hesita em “diagnosticar” a filha como imbecil; e (2) a suave e delicada Dra. Han Suyin (Jennifer Jones) de *Suplício de uma saudade* (*Love’s a many-splendored thing*, 1955, de Henry King) que trata seus pacientes com um afeto de mãe devotada. Por sua vez, essa dualidade tendeu a ser “resolvida” na figura do Dr. Isac Borg, protagonista de *Morangos silvestres* (*Smultronstället*, 1957, do sueco Ingmar Bergman), filme que conta a viagem

desse profissional, aposentado e idoso, para receber uma homenagem pelo seu relevante trabalho de médico: na viagem, o impassível Dr. Isac revê toda a sua vida em detalhes e, no processo, se humaniza.

Para não ficarmos só em citações de títulos de filmes, aqui apresento a minha leitura de três grandes filmes clássicos que, em momentos diferentes e cada um a seu modo, abordaram três casos reais de médicos que lutaram para defender princípios, científicos e morais.

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET

Nesta montagem, da esquerda para a direita, cenas de *Suplício de uma saudade*, de Henry King; *Morangos silvestres*, de Ingmar Bergman; e *Tarde demais*, de William Wyler

1

O PRISIONEIRO DA ILHA DOS TUBARÕES

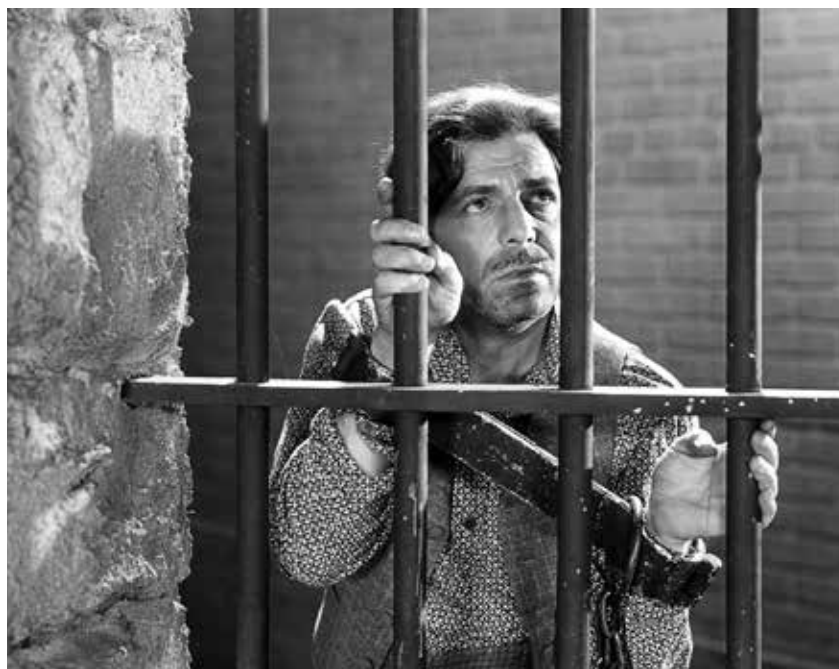
Foi na noite fria de 15 de abril de 1865 que o médico Samuel Mudd recebeu, em sua residência, um cidadão apressado que lhe solicitou os serviços para o tratamento de uma perna fraturada. Como bom profissional que era, Mudd, mesmo sem conhecer o cidadão ferido, dele tratou e foi devidamente pago pelo atendimento médico.

O que Mudd não sabia era que, naquela mesma noite sombria, o presidente Lincoln havia sido assassinado, num camarote do Teatro Ford, e que o seu acidental paciente de perna fraturada, em fuga depois do crime, tinha sido o autor do disparo fatal. Esse trágico desconhecimento vai lhe custar muito caro e é esse longo e penoso custo o que nos mostra o filme *O prisioneiro da Ilha dos Tubarões* (*The prisoner of Shark Island*, John Ford, 1936).

Rastreado o percurso do assassino em fuga, a Guarda Nacional terminou chegando à casa do Dr. Mudd, onde, por azar, a filha pequena do casal brincava, no terraço, com a bota rasgada, retirada da perna do paciente, onde constava, sim, o seu nome completo: John Wilkes Booth, não havia dúvidas, o assassino de Lincoln.

Não apenas este, mas toda uma série de pequenos detalhes incriminou o médico que, quanto mais inocente se dizia, mais culpado aparentava. Por mais uma trágica coincidência, Mudd tinha origem sulista e, como muitos de seu Estado, lutara na Guerra de Secessão como soldado confederado. O conjunto desses indícios sugeria uma “colaboração” de Mudd, e, claro, a população de Washington, revoltada perante o cadáver do presidente assassinado, queria vingança a todo custo.

Pressionada pela revolta popular, a Corte Suprema condenou Mudd sumariamente à prisão perpétua na Ilha dos Tubarões,



Cena de *O prisioneiro da Ilha dos Tubarões* (*The prisoner of Shark Island*, John Ford, 1936)

uma famigerada penitenciária que os Estados Unidos mantinham num ponto afastado do Golfo do México, onde o médico iria penar por quase uma década.

Só anos depois, quando uma epidemia de febre amarela assolou o lugar é que Mudd pôde ser retirado da cela imunda onde vivia recluso, agora – único médico disponível - com a árdua missão de tratar dos doentes e, se possível, debelar a epidemia. O que ele fez com uma competência e nobreza de espírito que viria a mudar completamente a sua imagem, não apenas na Ilha dos Tubarões, mas no país todo.

Para sorte de Mudd, e do espectador também, a estória tem um final feliz, porém, quase todo o tempo de tela é doado ao sofrimento do protagonista, vítima do desumano sistema penitenciário, de forma que, finda a projeção, o filme de Ford não é tanto lembrado pelo seu desenlace, como é pelo seu “horror e compaixão”.

Um trecho do filme a que não consigo deixar de me referir é o seu início, a encenação do assassinato, forte e inesquecível. O teatro Ford (!) lotado assistindo, com o presidente Lincoln no seu camarote especial, à comédia

Nosso primo americano, e Booth (que era ator e conhecia o comportamento das plateias) esperando para agir no momento do riso que abafaria o som do disparo, e, depois do gesto, caindo - onde? - ironicamente no palco, onde fratura a perna esquerda.

Fielmente baseado em fatos históricos, o filme tem um roteiro primoroso do grande Nunnally Johnson, e no elenco, estão alguns da chamada “turma de Ford”. Warner Baxter faz o Dr. Samuel Mudd e Francis McDonald desempenha um Booth convincente, mas, quem impressiona mesmo é o então jovem John Carradine, no papel do vingativo sargento nortista Rankin, o principal responsável pelo calvário do prisioneiro Mudd na Ilha dos Tubarões.

Enfim, um grande filme para médicos e todo mundo ver.

2.

A HISTÓRIA DE LOUIS PASTEUR

A doença é coisa interna; nunca vem de fora. Se há micróbios, foi a doença mesma que os gerou, e não o contrário. Era o que, convicto e solene, explicava o Dr. Charbonnet, membro ilustre da Academia Francesa de Medicina, a ninguém menos que o imperador Napoleão III. O ano era 1860 e a crença do Dr. Charbonnet não se limitava ao território francês: era um consenso universal, por enquanto insofismável.

Contra essa crença generalizada lutava um homem só, o químico Louis Pasteur, em todos os quadrantes acusado de bruxaria e charlatanismo por defender publicamente que, antes de fazer um parto, ou outra cirurgia qualquer, era urgente que o médico fervesse os seus instrumentos e lavasse as mãos. Naquela época, um número alarmante de parturientes contraía doenças no ato de dar à luz e vinha a falecer, por pura falta de higiene médica.

A luta insana do químico francês para conscientizar a classe médica e a população em geral do perigo dos micróbios está mostrada no filme *A história de Louis Pasteur* (*The story of Louis Pasteur*), uma oportuna produção da Warner, de 1936, dirigida pelo grande William Dieterle, hoje considerada um clássico da história do cinema.

Bem encenado, bem sequenciado e bem editado, o filme segue a cronologia para narrar os principais percalços e as principais vitórias desse herói da Medicina. Sigamos suas linhas gerais.

Proibido pelo imperador de divulgar suas ideias, Pasteur só conseguirá uma primeira vitória com o advento da República. É quando o país está sendo assolado pela epidemia bovina, o Antraz, e, a duras penas, entre insultos e galhofas, tem sucesso em demonstrar a eficácia da va-

cina que, isolado numa aldeia do interior da França, desenvolvera.

Seguida ao Antraz, vem a Raiva, outro imenso campo de batalha que a Pasteur custará ofensas, incompreensões, noites de insônia e labor sem fim. De qualquer modo, com o relativo reconhecimento pela vacina do Antraz, a essa altura Pasteur já tinha seu laboratório, com uma pequena equipe trabalhando para ele. O combate à Raiva, porém, continuava ineficaz. Sua maior derrota dá-se quando Charbonnet, em visita de má fé, inocula-se com o germe e permanece saudável. Motivo de chacota geral, Pasteur não para suas pesquisas, sempre seguindo o lema: "Ache o micróbio. Mate o micróbio".

Não cabe aqui detalhar o enredo, mas, digamos apenas que o germe da Raiva inoculado em Charbonnet terminou dando pistas a Pasteur sobre o tratamento da doença, e por fim, seu mérito é oficialmente reconhecido, e o filme se conclui com a homenagem que lhe presta a Academia Francesa de Medicina e seu emocionante discurso de agradecimento.



A história de Louis Pasteur (*The story of Louis Pasteur*) é uma oportuna produção da Warner, de 1936, dirigida por William Dieterle

Aliás, o próprio filme é uma homenagem, e claro, nisso corre riscos. Corre riscos, mas, como Pasteur, vence: é comovente sem ser piegas, didático sem ser chato, edificante sem ser quadrado.

Dou um exemplo: em dado momento privado, explica Pasteur à esposa que "os benefícios da Ciência não são para os cientistas; são para a Humanidade". Ora, frases desse tipo 'palavra de ordem' são raras no filme, e quando ocorrem são superadas, e muito bem, pela pulsão narrativa. Aliás, a narração é célere, quase como a de um desenho animado.

Dieterle foi um diretor talentoso e experiente e sabia o que estava fazendo ao colocar toda a existência de Pasteur em hora e meia de projeção cinematográfica, mas, com certeza, um dos fatores que mais o ajudou a garantir a qualidade do filme foi a estupenda interpretação do ator Paul Muni no papel-título, aliás, interpretação premiada com o Oscar.

Em suma, mais um filme para médico e todo mundo ver.

3. FRONTEIRAS PERDIDAS

O racismo nos Estados Unidos, para quem olha de fora, parece ser coisa de sulista. A Guerra de Secessão está aí, nas páginas de História, para provar. Mas não é bem assim. O Norte, que nos velhos tempos lutou pela abolição da escravatura, não é tão politicamente correto quanto pode aparentar.

De modo límpido, o fato está mostrado no filme americano *Fronteiras perdidas* (*Lost boundaries*, 1949), um dos primeiros na história de Hollywood a enfrentar o problema racial.

O filme conta a estória verídica de um negro de cor clara, que, por causa da cor, passa por branco em qualquer lugar. Na sua terra natal, ele é negro e com negros convive. Sua noiva tem a mesma cor sua e a mesma origem negra, e tampouco se preocupa em passar por branca.

Vejam que a questão da, digamos, ambiguidade racial já está posta no título do filme: quando as cores são distintas (branco *vs* preto) as fronteiras estão nítidas, porém, no caso do mestiço, elas se perdem e os problemas, num país racista, tomam um caminho perigoso.

É justamente o que acontece com o jovem Scott Carter (o ator Mel Ferrer, em estreia na tela), que se forma em medicina e é enviado à Geórgia, cidade do Sul, para trabalhar num hospital negro. Lá é recusado pela diretoria do hospital, justamente por causa de sua cor clara.

Já casado e sem perspectivas de trabalho, ele recebe a sugestão de ir trabalhar na pequena cidade de Keenham, em New Hampshire, estado do Norte, substituindo o médico do lugar que, já idoso, falecera. Hesita em aceitar a sugestão justamente por ser negro, mas é aconselhado (e toma o conselho) de lá, junto com a família, deixar-se passar por branco... E assim o faz.

A sua prática de médico competente logo conquista a comunidade



Fronteiras perdidas (*Lost boundaries*, 1949) foi um dos primeiros filmes na história de Hollywood a enfrentar o problema racial

de Keenham e, em pouco tempo, ele ganha o conceito que tivera o médico anterior, uma espécie de ídolo para a população local. Assim, o Dr. Carter vai viver, por vinte anos, muito bem com a família nessa cidade de brancos, em que nunca aparecem referências a suas origens de afrodescendente.

Os filhos, uma moça e um rapaz, levam a vida normal de todo adolescente classe média. Levam essa vida até o dia em que o pai é obrigado a revelar publicamente a sua origem de afrodescendente. Ocorre que, com a entrada dos Estados Unidos na II Guerra, pai e filho se alistam na Marinha, no caso, o Dr. Carter como tenente com direito à comissão. Os dois estão felizes de servir à pátria, quando as investigações militares descobrem as origens do médico, e seu alistamento é sumariamente cancelado. Diante do impasse, Carter é compelido a revelar aos filhos, e à comunidade, a origem negra da família e... a crise advém.

O que faz uma cidade tradicionalmente racista ao ficar sabendo que o querido e respeitado médico local que, por vinte anos, com competência e dedicação, cuidou dos habitantes do lugar, tem sangue negro e escondeu de todos? Toda a segunda metade do filme é sobre essa crise. E vale lembrar que a narração da estória de Carter e sua família é in-

teiramente feita por uma voz off, que enfatiza o lado documental do filme, não esqueçamos, estritamente verídico.

Na época, proibido em vários Estados americanos, *Fronteiras perdidas* teve sua exibição desestimulada durante todo o período que ficou conhecido como o MacCarthismo – anos cinquenta. Hoje é um clássico para todo mundo ver, não apenas negros, e não apenas médicos. ✦

(Em tempo: os textos aqui compilados foram, em edições seguidas, publicados na *Revista SBH*, da Sociedade Brasileira de Hepatologia.)

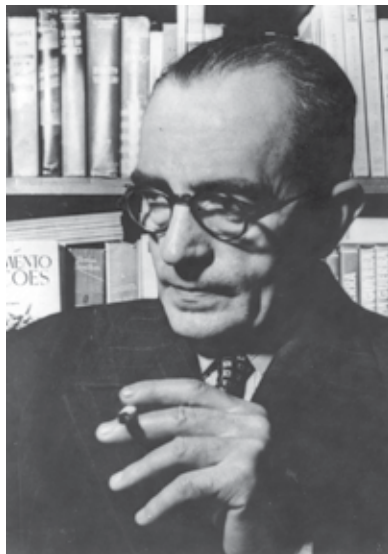
João Batista de Brito é escritor, crítico de cinema e literatura e autor, entre outras obras, de *Imagens amadas* (Ateliê Editorial), *Signo e imagem em Castro Pinto* (Editora Universitária/UFPB) e *Um beijo é só um beijo: minicontos para cinéfilos* (Editora Manufatura). Mora em João Pessoa (PB).



O caminho das pedras

SÉRIE DA FARO EDITORIAL AJUDA LEITOR A DESFRUTAR MELHOR OS "CLÁSSICOS" DA LITERATURA BRASILEIRA. PRIMEIROS VOLUMES DE "PARA AMAR" ABORDAM AS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR E GRACILIANO RAMOS (FOTOS)

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



A Faro Editorial, de Barueri (SP), acaba de lançar uma série cujo objetivo é expor os detalhes mais importantes da arte literária de grandes escritores brasileiros. Os dois primeiros volumes da coleção "Para Amar" abordam as obras de Clarice Lispector (1920-1977) e Graciliano Ramos (1892-1953), e foram escritos, respectivamente, por Emília Amaral e Ivan Marques, especialistas em literatura brasileira, com experiência em falar e escrever para público não acadêmico.

Informações sobre os livros, divulgadas

pela Faro, dão conta de que a série "Para Amar" não é um simples resumo de obras, pelo contrário. A coleção funciona como um guia para o olhar do leitor, no sentido de ajudá-lo "a entender a narrativa dos autores a partir do conjunto de suas várias obras, servindo com um roteiro para que qualquer pessoa seja capaz de observar os aspectos mais importantes das obras-primas de literatura brasileira".

Na obra de Graciliano, por exemplo, Ivan Marques destaca "os momentos-chave em que o autor estabelece algumas de suas principais marcas estilísticas como a incomunicabilidade, a loucura, críticas à condição humana, estilo seco, conciso e sintético, e uma busca por objetividade e clareza, em obras como *São Bernardo*, *Angústia*, *Memórias do Cárcere*, *Caetés* e *Vidas Secas*, entre outras".

Já na obra de Clarice, Emília Amaral "encontra elementos bem diferentes: a individualidade, a voz dos que não tem espaço, o inconsciente, a nar- ▶

▶ rativa desordenada, a busca existencial, a metafísica, o caos interno, a visão psicanalítica”. Para isto, utiliza trechos de livros como *A hora da Estrela*, *Laços de Família*, *A paixão segundo GH* e *Perto de um coração selvagem*.

Emília Amaral é graduada pela UNESP, é mestra e doutora pela UNICAMP, com pós-doutorado pela USP. É autora de diversos livros, dentre eles, *Novas Palavras* (FTD), e uma das mais destacadas estudiosas da obra de Clarice Lispector. Ivan Marques é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, onde fez seu doutorado. É autor dos livros *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte* (Editora 34) e *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920* (Editora Casa da Palavra). Foi diretor do programa Entrelinhas e editor-chefe do programa Metrópolis, ambos da TV Cultura.

O editor da Faro, Pedro Almeida, em nota à imprensa, explica que livros como esses da coleção “Para Amar” estimulam o leitor a procurar as obras completas do autor por sua própria vontade, para que ele mesmo reconheça o estilo estudado. “A obra não traz um resumo, então não substitui o livro, mas representa de certo modo um professor, um preceptor de literatura, um apoio paradidático para o estudo de literatura”, acrescenta.

Pedro ressalta que não há no mercado nenhuma obra que analise os pontos artísticos mais relevantes sobre estes autores voltada para a compreensão de seus livros. “Eu tenho procurado no mercado internacional obras sobre este tema há uma década e cheguei a publicar duas: *Como ler literatura como um professor* e *Como ler ficção como um especialista* (LeYa), que são obras muito boas, mas que fazem referência a um universo de livros e



Emília Amaral



Ivan Marques

autores amplamente desconhecidos no Brasil”, destaca.

O editor da Faro entende que os livros da coleção “Para Amar” são importantes para estudantes de qualquer área, para quem gosta ou trabalha com escrita (poesia, narrativas, romances, artigos), para professores e para quem deseja conhecer um autor pelas obras que escreveu. “Como se fosse um tipo diferente de biografia – prossegue Pedro -, entendendo-se que toda a manifestação contida nos personagens, falas e aspectos de uma obra revelam seu autor e sua época também”.

Os autores

A escritora e jornalista Clarice Lispector nasceu na Ucrânia e naturalizou-se brasileira. É autora de romances, contos, crônicas e ensaios. De sua bibliografia constam obras tais como: *Perto do coração selvagem* (romance, 1943), *A hora da estrela* (novela, 1977) e *Laços de família* (contos, 1960). Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo (AL), e atuou como romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista. Entre suas obras, destacam-se os romances *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938). ✦



SERVIÇO

Título: *Para Amar Clarice*

160 páginas

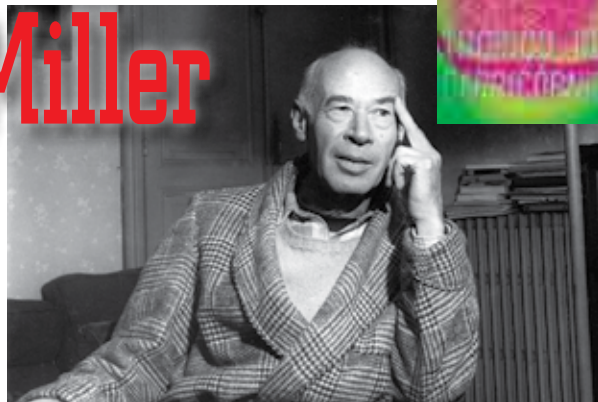
R\$ 29,90

Título: *Para Amar Graciliano*

179 páginas

R\$ 29,90

Os Trópicos polêmicos de Henry Miller



A obra de Henry Miller está sendo relançada pela José Olympio

Leitores no mundo inteiro viraram a cara para a obra do escritor norte-americano Henry Miller por considerá-la “pornográfica”. No Brasil, quem ajudou a derrubar esta espécie de censura foi o crítico literário austríaco naturalizado brasileiro, Otto Maria Carpeaux, em histórico prefácio à edição brasileira de *O Mundo do Sexo* (Pallas, 1975). Quase vinte anos depois, o filme *Henry & June*, dirigido por Philip Kaufman, iria despertar o interesse de novas gerações de leitoras brasileiras pela obra de Miller.

Sexo ou pornografia à parte, para quem se interessa pelas boas narrativas que mesclam autobiografia e ficção, ou mais precisamente pelos romances de Henry Miller, a editora carioca José Olympio, do Grupo Editorial Record, acaba de lançar novas edições de dois “clássicos” do autor: *Trópico de Câncer* (tradução de Beatriz Horta, 292 páginas, R\$ 42,90) e *Trópico de Capricórnio* (tradução de Marcos Santarrita e Angela Pessôa, 322 páginas, R\$ 42,90).

Trópico de Câncer é o primeiro romance de Miller. De acordo com informações fornecidas pela editora, trata-se de um relato autobiográfico e ficcional das aventuras do autor, entre prostitutas e cafetões, entre pintores e escritores sem dinheiro em Montparnasse. Lançado em 1934, o livro foi proibido nos países de língua inglesa, apesar de seus trechos de sexo explícito terem seduzido a vanguarda literária europeia, sendo elogiado por um time de peso formado, entre outros, por T. S. Eliot, Ezra Pound e Lawrence Durrell.

1930. Miller chega para participar da festa parisiense trazendo quatro grandes problemas na mala: uma carreira medíocre, nem um título na bibliografia,

nenhum centavo no bolso e um casamento também à beira do fracasso (tais assuntos seriam retomados mais tarde em *Trópico de Capricórnio*, de 1939). O autor “caí na esbórnia”, como se diz por aqui, e, motivado pela boemia francesa, “escreve com uma franqueza simples, um humor generoso e a alegria encontrada depois de se ter passado pelo extremo do desespero”.

Trópico de Câncer venceria uma censura de quase trinta anos, sendo lançado em 1961 nos Estados Unidos e, em 1963, no Reino Unido – período em que vendeu mais de dois milhões e meio de exemplares. Foi só nos anos 1960 que, saudado por seus ideais libertários, pôde ser bem recebido pela contracultura americana. O país em que nasceu e que embargou suas obras também transformou Miller em “profeta da liberdade e da revolução sexual”.

Em *Trópico de Capricórnio*, Miller não repete a fórmula que o consagrou em *Trópico de Câncer*, apesar de o erotismo e a sexualidade ainda serem extremamente evidentes. Optou por um tom mais subjetivo e mais denso para narrar seu passado em Nova Iorque, permeado por considerações existenciais e em tons de

cinza, da falta de trabalho e de dinheiro a um emprego odioso.

Nas considerações que faz sobre si mesmo, Miller também não parecia mais inclinado ao otimismo, como se depreende das próprias palavras do autor: “Meu amigo Kronski zombava de mim por minhas ‘euforias’. Era a forma disfarçada que tinha de me lembrar, quando eu estava extraordinariamente alegre, que no dia seguinte estaria deprimido. Era verdade. Eu só tinha altos e baixos. Longos períodos de tristeza e melancolia, seguidos por extravagantes explosões de alegria, de uma inspiração que parecia um transe. Jamais um nível em que fosse eu mesmo. Soa estranho dizer isso, mas nunca fui eu mesmo. Ou era anônimo ou a pessoa chamada Henry Miller elevada à enésima potência.”

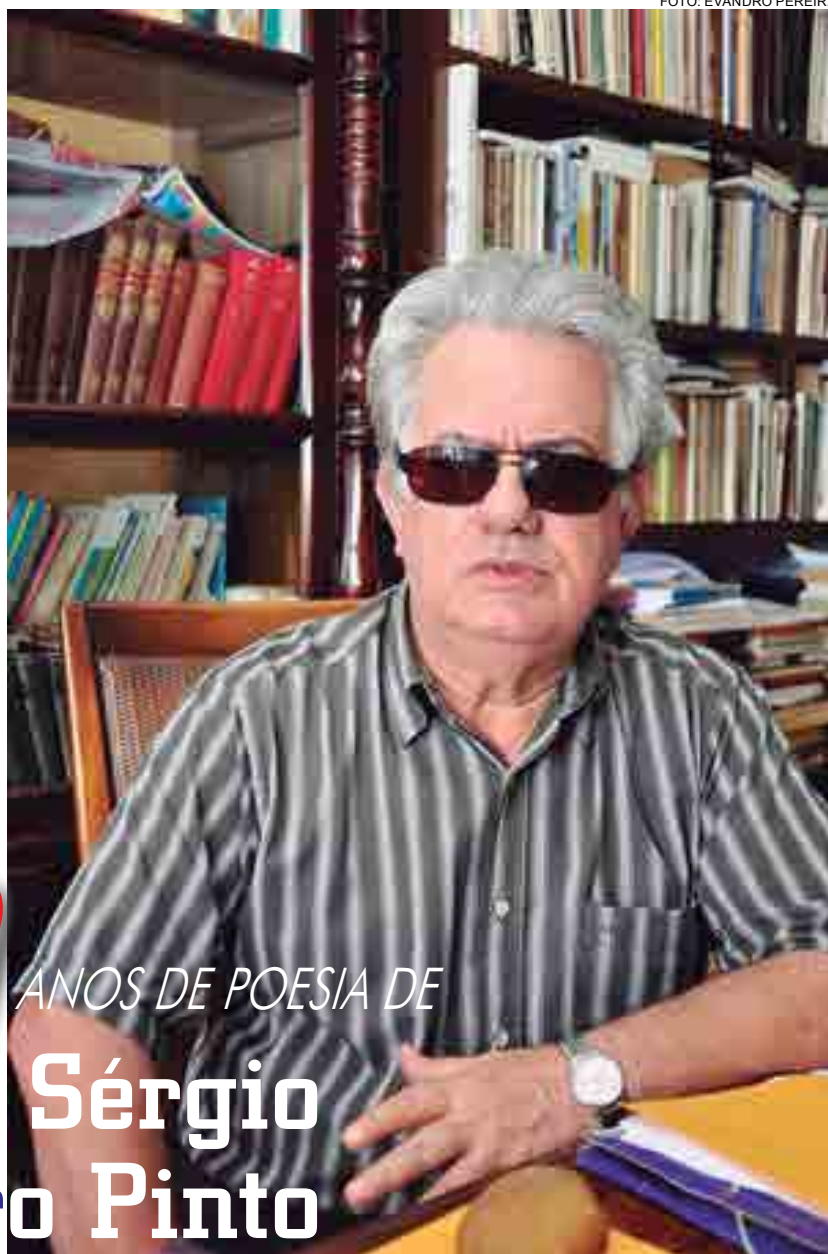
Este *Trópico* não é libertário como o primeiro. Pelo contrário, nele, o sexo parece mais escapismo do que celebração, fuga de uma realidade cruel e opressora. Mas, mesmo pessimista, a situação extremada parece pedir uma reação, que, como se sabe, viria com a ida a Paris. ❖



SOBRE O AUTOR:

Nascido em Nova Iorque, Estados Unidos, em 1891, Henry Miller é considerado o precursor do estilo subversivo nos anos 1930. Escreveu literatura libertária e pornográfica, e teve seus livros proibidos em vários países. Suas principais obras são *Trópico de Câncer*, *Trópico de Capricórnio* e a trilogia *Sexus*, *Plexus* e *Nexus*. Faleceu em Los Angeles (EUA), a 7 de junho de 1980.

(Fonte: Editora José Olympio)



OS 50 ANOS DE POESIA DE Sérgio de Castro Pinto

Salomão Souza
Especial para o *Correio das Artes*

A Paraíba está em festa em 2017 para comemoração dos cinquenta anos da poesia de Sérgio de Castro Pinto. A Fundação Espaço Cultural da Paraíba, por exemplo, com a terceira edição do evento Agosto das Letras, no período de 17 a 20 de agosto, homenageou o poeta. Foram quatro dias de debates, oficinas, feira de livros e lançamentos.

A poesia de Sérgio de Castro Pinto, desde o primeiro livro - *Gestos lúcidos* (1967) -, nas definidoras palavras de Geraldo Carvalho, prima pela "contenção da linguagem, o jogo verbal reduzido ao mínimo e expressando o máximo". Acaba de ser editado um volume com a fortuna crítica de sua poesia, com uma centena de artigos e resenhas. Destaco os textos de Ivo Barroso, Gilberto Mendonça Teles e Anderson Braga Horta.

Em resenha incluída no livro, Fernando Mendes Vianna também aponta a "poética exemplar em ma- ▶

Faço essas anotações livres para expressar o impacto que sinto no convívio com a poesia de Sérgio de Castro Pinto.

▶ tória de poder de condensamento, em que o duplo gume de uma síntese analítica não mutila o poder verbal, mas reforma uma sábia víscera poética, salientando inclusive o sentido social de uma cirurgia crítica brilhante”. Esse condensamento ganhou forma ao longo da carreira poética exitosa de Sérgio de Castro Pinto, que contribuiu para descentralizar para o Nordeste as experiências inovadoras de quebra da tradição com as novas possibilidades das vanguardas. Poética essa aliada à sua viva atuação na ambiência crítica da Paraíba.

Faço essas anotações livres para expressar o impacto que sinto no convívio com a poesia de Sérgio de Castro Pinto. Texto bem livre, talvez até com alguma inexatidão, mas com legítima sinceridade. Texto livre numa tarde de descanso, mas com o desconforto de saber que outros poetas se ofuscam em diversas paragens com os desentendimentos do homem no mundo. A diversidade com que é produzida a poesia brasileira e a extensão do território muitas vezes nos tornam opacos ou ausentes uns aos outros.

Ter nascido no mesmo ano de publicação do livro *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, me deixa sempre comovido. Só viria a conhecer essa poesia de construção inquebrável muitos anos depois, e não poderia praticá-la, pois seria percorrer estrada já trilhada. E depois me comove encontrar a obra daqueles que produziram poesia nos mesmos anos por mim vividos. Adriano Espíndola é um deles, que, como eu, nasceu em 1952. E também me comove e enriquece a poesia de Sérgio de Castro Pinto, que só recentemente passei a avaliar com mais justiça e extensão, e para nos tornarmos transparentes e presentes um ao outro. Esse parágrafo pode estar fora do contexto. Mas quem define o que entra e sai de um texto é o autor e o autor aqui deseja fazer emergir e criar familiaridades.

Surpreendente ler a produção poética de Sérgio de Castro Pinto e encontrar o clima tenso do momento histórico que vivíamos e abordávamos na poesia em

regiões distintas. Prova de que a ditadura angustiava todos os escritores do país. O medo subjacente, o vazio de estar se sentindo inútil numa repartição, numa sala de aula, pois viemos de uma geração participativa.

No livro *A ilha na ostra*, de 1970, que guarda intensa relação com o universo contemporâneo, se encontra o poema “Duas borrachas”, que leio sempre como um símbolo de composição de poema que nasce para representar uma geração e para validar o ato de produção poética. No gesto criativo de Sérgio Castro Pinto, a borracha não é algo estanque, que simplesmente anula. A borracha é abordada como se fosse a própria ação do homem do período do regime militar. Há um verso que lembra outras “borrachas que solidárias” desejam limpar outras borrachas, que certamente não continham sol, pois preocupadas em criar escurecimentos com seus erros:

*a borracha alimenta-se
de medo e do inexistente*

Fico esperando que um poema como esse, escrito no mesmo ímpeto drummondiano de uma “Máquina do mundo”, tenha luminescência no conhecimento da nacionalidade. Com um poema desses podemos reconhecer que somos seres que desejam estar instaurados fora do caos. Um poema desses vem reafirmar que muitos excessos da realidade continuam a merecer a ação da borracha para inscrição de novos destinos na escritura da história.

Eu, Sérgio de Castro Pinto, Alberto da Cunha Melo, Adriano Espíndola, Brasigóis Felício, Gabriel Nascente e tantos outros, vindos de um mundo falido, de poética em busca de si mesma, tínhamos de organizar outro formato de produção poética e de questionamento da realidade. Talvez esse período se torne mais compreensível com a ação de uma historiografia que consiga encaixá-la no contexto da nacionalidade. Nosso mundo caótico, repressivo, ainda não foi analisado

e compreendido para melhor inclusão da poesia no contexto daquela realidade. Vão surgindo outras gerações e parece que esta que resistiu não pode ocupar algum momento de clareza, devendo permanecer ali no limbo intocável de todos os erros do período. E a poesia dos anos de chumbo era guerreira, viva, sanguínea. Poesia que catalisou medo e fracasso. Uma poesia vitoriosa, resistente, mesmo com temas sutis e composição disfarçada nas mutações dos desmembramentos vanguardistas, dela emerge o homem angustiado e perseguido. É uma honra ter produzido nesse período e poder estar buscando outros formatos de ajuste da poética em outros tempos, também sombrios, pois sem metas e, pior ainda, sem compromissos sociais.

Rendo, daqui de Brasília, com estas palavras ao estilo de notas de rede social a minha homenagem aos setenta anos de vida e cinquenta de poesia de Sérgio de Castro Pinto, que, em João Pessoa, permanece ativo na poesia. Busca e anima formatos. É importante a atividade de poetas que motivam a juventude para a arte. E Sérgio de Castro Pinto motiva, assim como Jamesson Buarque incentiva a juventude à exaustão na fronteira de Goiânia.

Outras vezes retornarei a João Pessoa só para me reencontrar com Sérgio de Castro Pinto e nos sentarmos diante de uma paisagem. ✧

Salomão Sousa é poeta e jornalista. Nasceu em Silvânia (GO) e mora em Brasília (DF). Frequenta a Associação Nacional de Escritores desde a juventude, tendo convivido com Fernando Mendes Viana, José Godoy Garcia, Domingos Carvalho da Silva, Anderson Braga Horta, Oswaldino Marques, entre diversos outros poetas que participaram da fase inaugural de Brasília. Recebeu o Troféu Tiokô versão-2011, da UBE-GO. É autor, entre outros, de *A moenda dos dias/O susto de viver* (1980), *Falo* (1986), *Estoque de relâmpagos* (2002) e *Ruínas ao sol* (2006). Editou o zine *Chujo* por 19 números. Blog: www.safraquebrada.blogspot.com.

O BATOM DE Marilda

José Leite Guerra
Especial para o *Correio das Artes*

/// Não era, em absoluto, o presente que eu queria. Sabe ele que não gosto de maquiagem carregada. Trouxe uma tonalidade roxa de defunto e jamais irei usar o batom. Ignoro por que Armindo é de tal mal gosto. Desde a vez daquele bolero cafona, quando me convidou a dançar, dois pra lá, dois pra cá, desde seus conceitos desatualizados sobre tudo, desde o convite feito para aquele recital de poemas quadriculados, engessados sonetos melosos, numa tarde estiada da academia, desde..."

Tocaram insistentemente a campainha. Levantou-se, arrumando os cabelos, passando as mãos lisas sobre o traje de banho e abriu a porta, de supetão. Esmeralda estava uma mocinha. Passou pela tia cheirosa a xampu, apressada, com um pacote brilhoso enfeitado de estrelas e rosas em prata. "Vou me cuidar, estou atrasada. O aniversário está marcado para as oito e já são sete e tantos".

"Deixei-a se aformoseando para a festa e voltei para meu quarto. A coleção de maquiagem aberta. O detestado batom que me enervava, sobremaneira. A desarrumação, vestidos sacudidos na cama de casal, que eu retirei do guarda-roupa, e, ao voltar do banho passei a escolher, mas me detive no presente do bendito Armindo, a contragosto, até que Esmeralda chegou. Pronto: a vez de escolher: aquele em debruns, a gola acetinada, algumas aplicações de orquídeas, numa cor quente. É assim que gosto. Quando fiz quinze anos, mamãe, muito discreta, queria que eu usasse um longo morno, simplíssimo, fiz beicinho, bati o pé, gritei, berrei, chamei a atenção das despachantes da loja



inteira, fiz uma zoeira, um carnaval. Calma, minha querida e santa mãe, hoje longe, muito longe, optou em calar meu protesto e comprou aquele traje supimpa, mostrado, destaque, sou mulher igual a vovó Inácia (apesar de bem idosa, gostava dos floreios, das modas escancaradas, vestidos em decote v, mangas quimonos. Hoje, porém, tudo está cada vez mais aberto, moderno, ninguém olha se você está com as carnes expostas, seminua, e eu, apesar de não ser mais novinha, as folhas despencadas, a clorofila quase nula, mantenho meus anos maduros sem cair, nem serem contaminados pelo mofo do conservadorismo. Só se eu fosse candidata a freira.”

“Já vou, tia linda. Não sei a que hora volto! ” Marilda ficou pensativa: “Boa sorte, querida, arranje um namorado bem firme...” Voltou-se para si mesma. Durante o tempo da adolescência, antes e depois de debutar, adolescência fervilhante em rocks twists metal pesado, baladas em cada esquina, fervilhando de rapazinhos bonitos, pães, como se chamava a quem tivesse boa aparência e molho, fora impedida pelo pai, mãe, irmãos, etc. a se imiscuir naqueles antros promíscuos, conforme consideravam. Ela era uma verdadeira peça de cristal. Todos a tinham como o orgulho da família: “Marildinha vai dar uma doutora em Medicina para cuidar da gente quando ficar aos tombos”. Ela sabia que não gostava de livros, de estudo, frequentava o colégio mais para ter recreios, namoricos rápidos, comer lanches escondido durante as aulas, brincar. Mas tirava boas notas, nunca perdeu um ano. Chegou a fazer o vestibular. Foi aprovada, porém... na primeira prática de Anatomia, vomitou, quase morre diante daqueles despidos cadáveres, e jurou nunca mais pisar na antiga Faculdade de Medicina. Nada a convenceu. Já sabia o bastante para um emprego mediano. Tentou concursos, passou no de postalista. Ia ao expediente dos Correios com alegria, afinal ganhava o suficiente para não estar incomodando a carteira dos pais já sufocados em dívidas.



“Penso nos estragos feitos com o ordenado recebido. Imagine! Caía nas lojas, me enchia de pacotes, sapatos às dúzias, cortes de tecidos e confecções, e, como era vaidosa, estojos de maquiagem, batons de marca, cores bonitas. Cores vivas. Não aquele roxo desgraçado que Armindo me trouxe. Coitado. Pésimo gosto. Interessante, uma coleção de tons roxos, mais claros, medianos, mais escuros. Que obsessão, qual! Não tenho aparência de múmia. Olho-me no espelho, as rugas me vêm contidas, tímidas, passo um creme, ajeito meus cabelos, dou-

-lhes uns claros, escondo a teimosia dos primeiros fios brancos, remoço. Fico sem entender por que fui me deparar com Armindo naquela sorveteria. Moro sozinha. Lá uma vez ou outra, a única sobrinha me vem visitar ou colegas da repartição. Estou maluca para me aposentar. Fiz as contas, constatei que é daqui para o Natal. Estamos em agosto. Então, liberdade para que te quero? No trabalho, não fui lá muito correta. Basta dizer que abri cartas: cada declaração de amor! Copiava as mais bonitas, perfumava, remetia ao querido escolhido, belo para mim. As

▶ respostas nunca vieram. Eles temiam papai. Por arte do destino, o que era corajoso morreu em acidente de moto (moto não, lambreta) uma lambreta arrojada, enfeitada, envenenada como ele mesmo me dizia, às escondidas. Adotei o luto, digamos, platônico tal qual nossa relação. A única vez que toquei em suas lindas mãos foi no esqui. Por que beijá-lo? Muita gente comentando ao redor sobre quem chegava ou saía. O comportamento dos visitantes naquela hora triste e extrema. Passou. Armindo é o segundo, seriamente considerado. Um pobre coitado, escrevente de uma firma particular, sem segurança alguma. Fala em casar. Casar?! Eu, hein?”

De fato, Marilda via no namorado uma companhia, um antídoto à solidão, um passatempo, um bibelô, sabia lá o quê. O fato é que detestou o batom roxo. Jamais o experimentaria. Tanto que, naquela noite, sairia com ele com os lábios tingidos de vermelho. O coitado sequer notou. Um desligado, só falava em futebol, futilidades, carros que vira num comercial de televisão, e usava o mesmo paletó cada vez que ia encontrá-la. “Homem, te arruma melhor. Quero saber se tens coragem de ir à praia vestido assim, nessa formalidade...” Praia, fora. Temia o mar, as ondas, pesadelo acordado: afogamento. Um desatualizado, personagem do século passado esquecido nas ruas do século XXI. Mas, ela até que gostava de algumas virtudes dele. Pontual, discreto, cheiroso, comedido, não bebia, não fumava, nem tinha chafurdo. Preparada, sentada no terraço da casinha comprada à prestação, balançando o pé, ficando inquieta pela demora. O namorado detestava celular. E Matilde à espera. Apontou alguém de paletó.

“Era ele mesmo. Sai apressada ao encontro. Mostrou o relógio, pontualíssimo, nem um segundo a mais ou a menos. Para onde iremos, Armindo? Ele estava meio amuado. Triste, reparando bem. Perguntei-lhe a razão daquela cara de enterro. “Meu cachorro foi atropelado.

Morreu, coitado. Quase desistia do passeio.” Intrigada, dei meu braço ao dele. Caminhávamos sem falar até a praça da retreta. A banda já se organizava, engalanadas fardas, afinação dos instrumentos. Começaram a entoar um hino, depois bolero, um samba. Armindo resolveu quebrar a monotonia: “Marilda, sem a sua companhia me sinto um trapo”. Sorri. Meu namorado era um anjo vestido a caráter. Um ingênuo, coitado. Surgiu Esmeralda. Abraçou-me e apertou a mão do acompanhante. “Que bom, vê-los assim”. Armindo, não se dominou, e começou a chorar. Ambas ficamos pasmas. Em plena alegria da marchinha executada pela bandinha, o rapaz recolhido num choro sem explicação. “Que é isso, menino?”. Em vez de me responder, largou-me, a passos rápidos, dobrou num beco, sumiu. Eu e a sobrinha sobramos em interrogações. Somente uma semana depois, curvado e sem ânimo, veio me encontrar. O mesmo paletó, trazendo um envelope lacrado que me entregou, de forma enigmática. Um misterioso. Passou direto. Entrei e tive uma surpresa.”

Marilda apanhou a coleção de batons roxos e sacudi no lixo. Nunca revelou, ao certo, o que estava escrito no bilhete. Era vista nas danceterias, moderna em trajes, rebolando ao som de músicas alvoroçadas. Esmeralda se envergonhava da tia, querendo imitar os jovens. Melhor rezar, deixar aqueles balanços e beberagens, em noites festivas que tocavam os lumes da madrugada. Um dia, iria se arrepender, não tinha mais pico para aguentar. Quem sabe, cairia tesa no salão, abandonada pelos dançantes, socorrida às pressas, e nunca mais voltaria às boates. Marilda não se curvava a nada. Deixava que o povo gastasse a língua. Recebia cartas anônimas, era apupada no trajeto, não ligava. Não tinha satisfação a dar a ninguém. Pelo que se sabe, brincou muito tempo, até que fechassem a casa de danças por ordem da polícia. Começavam a usar drogas pesadas. Não sei,

francamente, se ela houvesse experimentado algum baseado. Recolhida em casa, pouco era vista nas ruas, a não ser quando ia à farmácia, a uma sessão de cinema. Foi testemunha do casamento da sobrinha regenerada e convertida a uma seita nova. Deram a Marilda um exemplar da Bíblia. Nunca leu. Preferia, sim, postar-se diante de filmes pornográficos, novelas, curtir o mundo. Envelhecia e não mudava o estilo de vida. Interessante que nunca esqueceu a ousadia de Armindo, a coragem dele em revelar o que ela jamais suspeitaria. Mesmo avançando em idade, não relaxava a maquiagem acesa: batom vermelho. Do ex-namorado nunca mais soubera. A notícia era de que ele continuava no mesmo estilo e (pasmem) nunca perdera a mania em presentear as queridas com batons roxos.

“Antes que termine a narrativa, preciso esclarecer que Armindo nunca se casará, nem assumirá compromisso de cama e mesa com nenhuma mulher, nem ninguém. Pensem o que quiserem. Se estão curiosos em saber o contido na cartinha-bilhete, somente ele, eu e Deus sabemos. Quanto a cor dos batons é um enigma. Uma mania que ele tem? Ou motivado por um impulso patológico? Engraçado que ainda o admiro, gosto dele, um rapaz bom, sincero, ingênuo como poucos. Seu exílio voluntário é que me deixa perdida. E, talvez, faça crescer minha veneração por ele. Para falar a verdade, ninguém conseguiu fazer pulsar meu coração com mais pressa. Somente Armindo com aquele jeito de fantasma desatualizado no oco do mundo. Para ser sincera, nem mesmo o primeiro namorado, o da lambreta, mexeu tanto comigo. É fato. Mesmo que soubesse de todos os meus gostos, inclusive, lógico, que detestava batom roxo”.

O poeta e contista **José Leite Guerra** é natural de João Pessoa (PB), onde reside. Publicou, entre outros livros, *Boi de fogo e proezas com geringonça* (contos), *Pátio sem sombras* (novela) e *Dança das palavras* (poemas).



gfgfgfg

gfgfgfgfgfgfgf

S

◀ Novo Almanaque Armorial

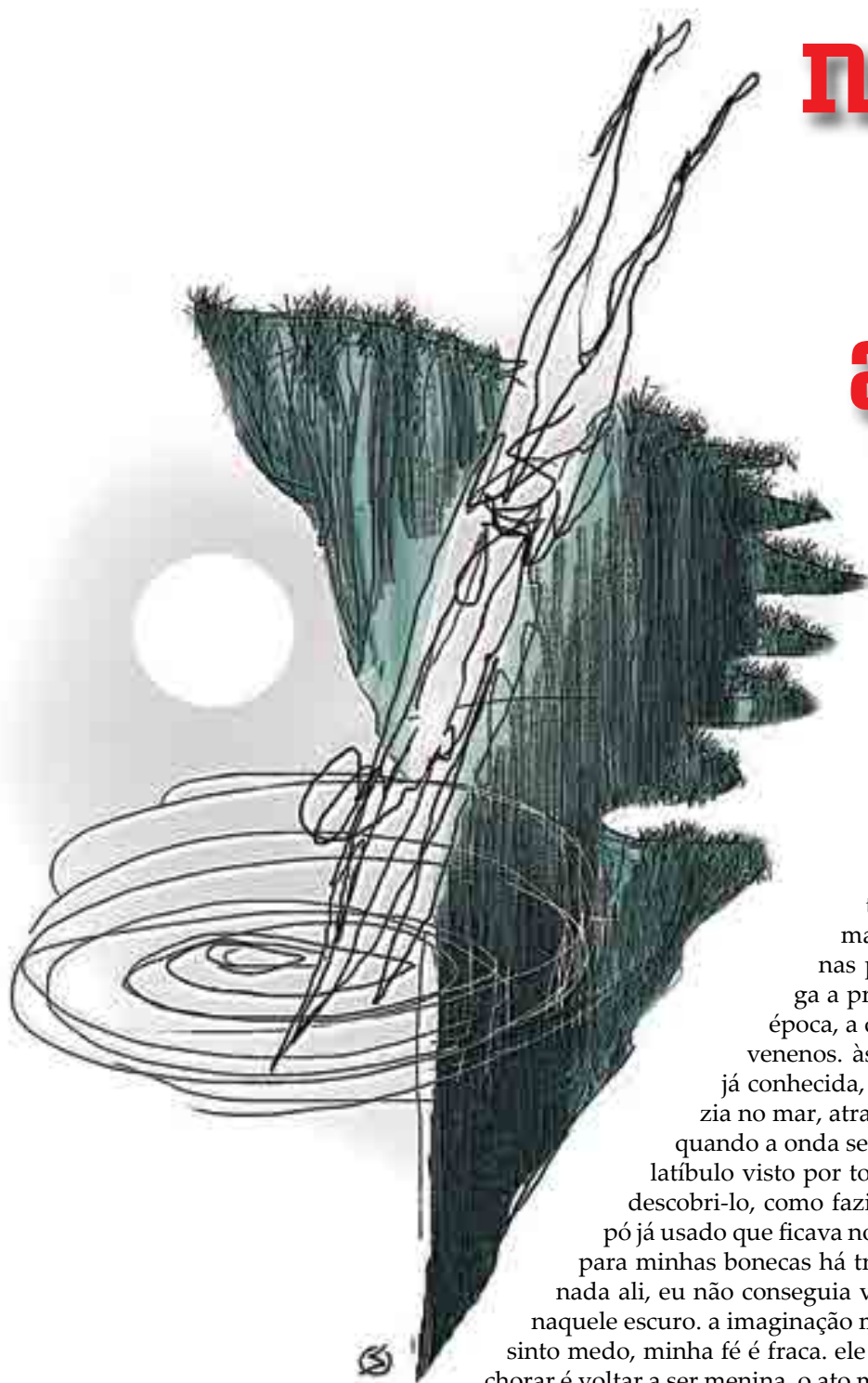
ILUSTRAÇÃO EXCLUSIVA DE MANUEL DANTAS SUASSUNA PARA A COLUNA NOVO ALMANAQUE ARMORIAL

—
Carlos Newton Júnior
é poeta, ensaísta
e professor da
Universidade Federal
de Pernambuco (UFPE).
Mora em Recife (PE).

ando, nadando, em abismos

Jennifer Trajano

Especial para o Correio das Artes



ele me disse, certa vez, que o ato mais corajoso de se fazer era mergulhar porque o mar é como a morte: um mergulho no conhecido desconhecimento. eu não sabia ao certo se pulava as ondas ou se entrava nelas. mar a fundo, mente rasa. não mais profundo nas possibilidades. onda recursiva que carrega a própria cruz, numa suposta ressaca fora de época, a qual me envia novamente para um bar de venenos. às vezes eu parava, admirava a superfície já conhecida, ouvia a melodia da música que o céu fazia no mar, através do vento, e da canção que se formava quando a onda se arrastava na areia. olhar o mar era o meu latíbulo visto por todos que passavam. eu queria conhece-lo, descobri-lo, como fazia com o balde cheio de água e sabão em pó já usado que ficava no quintal da minha casa e servia de piscina para minhas bonecas há trinta anos. apesar de saber que não havia nada ali, eu não conseguia ver o fundo, por isso tinha medo de tocar naquele escuro. a imaginação me realizava.

sinto medo, minha fé é fraca. ele me disse, certa vez, para não chorar, que chorar é voltar a ser menina, o ato menos animal do ser humano. eu disse que precisava partir, que já não havia mais poesia, que o amor não importava, mas ele nunca me entendia.

nessa sessão te digo, taynã, não faz como eu, mergulha nesse mar, enfrenta as ondas, deixa que as águas conheçam teu corpo, deixa a cor te afundar no cancionismo da maresia, mas não esquece de uma coisa: respira antes de entrar. ✦



124
Anos

2017





uma nova História
para uma nova

A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518

 **A UNIÃO** Superintendência de Imprensa e Editora

www.paraiba.pb.gov.br |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniaogovpb) |  uniaogovpb@gmail.com

O SENAC JÁ TRANSFORMOU A VIDA
DE MILHÕES DE BRASILEIROS.
E ESSA HISTÓRIA ESTÁ APENAS COMEÇANDO.

Senac



Em 70 anos, o mundo não parou de mudar. O Senac também não. Por isso, capacitamos milhões de brasileiros em nossos cursos presenciais e a distância, investimos em infraestrutura, desenvolvemos tecnologia, produzimos conhecimento com a publicação de materiais didáticos e contribuimos para o crescimento de empresas com nossas consultorias. Assim, provocamos verdadeiras transformações de vidas, com reflexo imediato no mercado que recebe profissionais muito mais qualificados e preparados.

SENAC 70 ANOS. ESTA HISTÓRIA ESTÁ SÓ COMEÇANDO.

